

unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO CLARO



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS**

**MODERNIZAÇÃO DO KARATÊ: Gichin Funakoshi e as
Tecnologias Políticas do Corpo**

FABIO AUGUSTO PUCINELI

JUNHO

2017



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO CLARO



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TÉCNOLOGIAS**

**MODERNIZAÇÃO DO KARATÊ: Gichin Funakoshi e as Tecnologias Políticas
do Corpo**

FABIO AUGUSTO PUCINELI

Dissertação apresentada ao
Instituto de Biociências do Câmpus
de Rio Claro, Universidade
Estadual Paulista, como parte dos
requisitos para obtenção do título
de Meste em Desenvolvimento
Humano e Tecnologias sob
orientação do Prof. Dr. Carlos José
Martins .

Junho 2017

796.8153 Pucineli, Fabio Augusto
P997m Modernização do Karatê: Gichin Funakoshi e as tecnologias políticas
do corpo / Fabio Augusto Pucineli. - Rio Claro, 2017
102 f. : il., figs., fots.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro
Orientador: Carlos José Martins

1. Karatê. 2. Arte marcial. 3. Japão. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: GICHIN FUNAKOSHI E AS TECNOLOGIAS POLÍTICAS DO CORPO ENVOLVIDAS NA MODERNIZAÇÃO DO KARATÊ

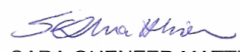
AUTOR: FABIO AUGUSTO PUCINELI

ORIENTADOR: CARLOS JOSE MARTINS

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS, área: TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS pela Comissão Examinadora:



Prof. Dr. CARLOS JOSE MARTINS
Departamento de Educação Física / Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Profa. Dra. SARA QUENZER MATTHIESEN
Departamento de Educação Física / Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Profa. Dra. KARLA ADRIANA MARTINS BESSA
Núcleo de Estudos de Gênero Pagu / Universidade Estadual de Campinas - SP

Rio Claro, 27 de abril de 2017

Dedico aos meus grandes mestres: pai, mãe, Cris, Yang e Kuroi

“(...) o caminho que conduz à **arte sem arte** é áspero” (Eugene Herrigel, *A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen*)

A importância dada à luta e a agradável excitação que ela origina, que proporciona um complemento imprescindível às restrições da vida, igualmente indispensáveis, não foi uma opção pessoal. Se eu fosse livre de escolher o meu mundo, provavelmente não teria escolhido uma humanidade onde as lutas entre seres humanos são consideradas excitantes e agradáveis.

(Norbert Elias, A Busca da Excitação)

RESUMO

Esta pesquisa busca refletir sobre as contingências que nortearam a emergência do Karatê moderno. Para tanto, objetiva-se investigar as práticas discursivas e não discursivas que o constituíram. Questiona-se como uma prática autóctone de uma região específica do Japão pré moderno vai se constituir, reinventando-se a partir dos novos modelos sociais e políticos, para atender exigências que o processo de transição coloca. A pesquisa visa investigar a modernização do Karatê, discutindo especialmente a reconfiguração dessa prática como arte marcial e também como esporte e interrogar as influências e importância de Gichin Funakoshi no conjunto desse processo, bem como as tecnologias políticas do corpo envolvidas. Para tal, são utilizados como principais referenciais metodológicos a Sociologia configuracional de Norbert Elias e a abordagem genealógica de Michel Foucault. A pesquisa é constituída por estudos bibliográficos e documentais sobre o assunto, bem como relatos de inspiração etnográfica. A sistemática da pesquisa mostrou Gichin Funakoshi estabeleceu emblemáticas e decisivas mudanças na prática que aprendera em Okinawa. Alterações essas que iam ao encontro das condições pelas quais o Japão passava: a modernização da sociedade e a formação de um Estado-nação japonês. A legitimação do Karatê acontece, então, pela racionalização de suas práticas discursivas e não discursivas e também pela sua configuração esportivizada.

Palavras-chave: **Karatê, tecnologias políticas do corpo, modernização, Gichin Funakoshi, Japão.**

ABSTRACT

This research intent to reflect about the contingencies that guided the modern Karate's emergency. Therefore, the objective is to investigate the discursive and non-discursive practices which constituted it. This research asks how an autochthonous practice coming from a specific region of pre-modern Japan, reinventing itself from the new social and political models, in order to overcome the demands that the transition process imposes. The research aims to investigate the modernization of Karate, discussing especially the reconfiguration of this practice as a martial art and also as a sport and interrogate the influences and importance of Gichin Funakoshi in the whole of this process, as well as the political technologies of the body involved. For this, Norbert Elias's configurational sociology and Michel Foucault's genealogical approach are used as the main methodological references. The research is constituted by bibliographical and documentary studies on the subject, as well as reports of ethnographic inspiration. The systematics of the research showed that Gichin Funakoshi established emblematic and decisive changes in the practice that he had learned at Okinawa. These changes were in line with the conditions under which Japan passed: the modernization of society and the formation of a Japanese nation-state. The legitimacy of Karate happens, then, by the rationalization of its discursive and non-discursive practices and also by its sportivized configuration.

Keywords: **Karate, political technologies of the body, modernization, Gichin Funakoshi, Japan.**

LISTA DE IMAGENS

Figura 1	Cartaz do 2009 <i>Okinawa Traditional Karatedo World Tournament</i>	15
Figura 2	Área de competição demarcada com o posicionamento dos árbitros e dos competidores (<i>aka</i> e <i>ao</i>).	30
Figura 3	Disputa de uma final da categoria <i>kata</i> equipe masculino	30
Figura 4	Parte da campanha para inclusão do Karatê nos Jogos Olímpicos de 2020, realizada pela WKF	31
Figura 5	Tokyo Budōkan	32
Figura 6	Templo Todai (<i>Todaiji</i>), em Nara	32
Figura 7	Okinawa Budōkan	33
Figura 8	Disposição das câmeras para registro das disputas finais durante os eventos da WKF	34
Figura 9	Boxing, Jack Dempsey vs. Georges Carpentier, July 1921	36
Figura 10	Shurei-mon, um dos principais símbolos de Okinawa	38
Figura 11	Mestre Gichin Funakoshi	44
Figura 12	Mestre Yatsutsune (Anko) Itosu	45

Figura 13	Jigoro Kano ensinando	48
Figura 14	Prática de Karatê orientada por Shinpan Gusukuma, em 1938, no pátio do castelo de Shuri, antiga sede do reino Ryukyu	52
Figura 15	página da obra <i>Karate Kyohan</i> , escrita por Gichin Funakoshi	68
Figura 16	página da obra <i>Karate Kyohan</i> , escrita por Gichin Funakoshi	69
Figura 17	página da obra <i>Karate Kyohan</i> , escrita por Gichin Funakoshi	69
Figura 18	Robson Maciel e Laerte Ferraz. Campeonato Paulista de 1989 O piso é de madeira e não se usa proteções	84
Figura 19	A competição de Karate segundo as regras atuais da WKF: cuidadosas proteções e delicadas tecnologias para registro dos movimentos	85
Figura 20	Exemplo de homologação da WKF em vestimentas	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
MÉTODOS	20
O KARATÊ MODERNO	24
FUNAKOSHI E A MODERNIZAÇÃO DO KARATÊ	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98

INTRODUÇÃO

Final dos anos 1980. Numa sessão vespertina de filme na televisão, “Karate Kid - A hora da verdade”¹. História de Daniel (Ralph Macchio), garoto que se muda com a mãe para outra cidade e começa a sofrer represálias de uma gangue de jovens abastados. Salvo e orientado pelo habilidoso senhor Miyagi (Noriyuki “Pat” Morita), o personagem principal encontra sua redenção na prática da arte marcial que dá título ao filme.

Ainda criança, me identifiquei com o drama do rapaz, assim como outras pessoas da minha idade na época, acredito. Também era diariamente agredido e humilhado de diversas maneiras na escola. Inspirado, comecei a praticar aquilo que poderia também ser minha redenção, mas que, na verdade, seria algo além, pois viria a nortear minha vida profissional e acadêmica: Karatê!²

Quanto mais praticava, mais eu me intrigava e me interessava em saber sobre as técnicas, história, significado das palavras frequentemente utilizadas etc. Era uma espécie de misto entre um encantamento fantasioso nutrido pela mídia, que fertilizava minha imaginação e as narrativas articuladas pelo meu *sensei* na época, frente às minhas questões.

“Quem inventou o Karatê?”; “para que servem os *kata*?”; “faixa preta sabe tudo?”; “por que sempre fazemos ginástica antes de começar o Karatê?” – esses são exemplos de algumas das perguntas que eu fazia enquanto criança e que agora, como professor, ouço frequentemente. Essa curiosidade em saber mais sobre aquilo que eu praticava com tanto afinho e inspiração me levou a investigar sobre Karatê.

O *Dōjō*³ onde comecei a praticar era um lugar bastante simples, num prédio já muito antigo, que não existe mais. Para chegar até o espaço, os

¹ *The Karate Kid*, 1984. Direção: John G. Avildsen.

² A propósito, isso é bastante comum nas referências que tratam sobre as biografias dos mestres Gichin Funakoshi (Karate) e Jigoro Kano (Judô), por exemplo: terem sido crianças de condições físicas fracas, que facilmente eram acometidos de alguma enfermidade ou mesmo eram oprimidos por crianças mais velhas e que resolveram seus problemas com a prática das artes marciais japonesas.

³ *Dojo*: lugar para prática do “caminho”.

alunos desviavam dos aparelhos de musculação que ficavam na sala ao lado. Lá também aconteciam outras práticas relacionadas à ginástica e ao condicionamento físico, no mesmo ambiente, em horários diferentes, sobre o *tatami*.

Em Okinawa, onde o Karatê se configurou inicialmente, era ensinado e praticado em espaços conjugados às residências dos mestres; já no Ocidente (e também na modernizada Okinawa), este acontece também em academias de ginástica, clubes, centros comunitários, escolas ou universidades, por exemplo.

Já nas primeiras aulas ouvi falar que o Karatê, como outras artes marciais japonesas, fora criado para que os mais fracos, oprimidos, vencessem os mais fortes, opressores, através de técnicas e estratégias específicas – um conceito condizente com o contexto do filme: Daniel, após um processo de incorporação e compreensão da prática corporal combativa, conquista sua honra e liberdade através da transformação pela qual passa, vencendo seus opressores.

Porém, não demorou para que fossem identificadas diferenças entre as maneiras que o filme trata o Karatê e como era praticado no *Dōjō* da pequena cidade do interior de São Paulo: fui convencido de que ninguém aprendia Karatê pintando cercas, paredes, lixando assoalho ou lavando carros, por exemplo. *Karate Kid* é um filme. Filmes são “mentirosos”. O Karatê “verdadeiro” era aquele ensinado e praticado “de verdade”, orientado pelo *sensei*, faixa preta, num espaço “apropriado” para tal.

O filme mostra três modos distintos de praticar Karatê: 1) num *dōjō*, onde os praticantes seguem as orientações de um professor, posicionando-se de maneira supostamente disciplinada, em filas, repetindo os gestos ao som de uma contagem; 2) quando Daniel tenta aprender Karatê usando um livro, espécie de manual didático e 3) a maneira aparentemente informal, peculiar e particular que o senhor Miyagi elege para ensinar seu único discípulo.

Miyagi aprendeu Karatê com seu pai no extremo sul do Japão, em Okinawa, onde nascera. Era viúvo. A esposa falecera em virtude de complicações no parto. Daniel foi seu primeiro e único discípulo - uma releitura

da tradicional prática conhecida como *isshin-sōden* (一子相伝), na qual o Karatê era transmitido de pai para filho ou para seletos eleitos.

Não foi dessa maneira que iniciei na prática da referida arte marcial. Na primeira aula, por exemplo, cheguei atrasado e já estavam todos enfileirados e uniformizados com seus *karate-gi*⁴, repetindo os exercícios ginásticos que precediam o Karatê propriamente dito. Logo em seguida o *sensei* nos orienta a assumir *shiko-dachi*⁵ para praticar socos parados, por exemplo – uma aula convencional de Karatê que já me incentivaria a querer conhecer cada vez mais sobre a arte marcial.

Ainda criança, tive a oportunidade de me encontrar com o saudoso mestre japonês Yoshihide Shinzato, precursor do estilo *Shōrin-ryu* no Brasil. Foi meu primeiro contato mais direto com uma presença que personificava a história do Karatê. Vindo de Okinawa na década de 1950, parecia-se com o senhor Miyagi, o que me deixou ainda mais entusiasmado em praticar.

Como já dito, o Karatê tornou-se para mim o norteador de muitas das minhas escolhas. O curso superior em Educação Física foi uma delas. Graduei-me faixa preta aos 14 anos de idade. Desde muito cedo auxiliava meu *sensei* nas aulas, ministrando exercícios na ausência deste inclusive, o que me estimulou significativamente em me tornar professor de Karatê.

Durante a graduação, participei do projeto de extensão em Karatê na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF – Unicamp). Desenvolvi dois trabalhos de conclusão de curso com temas relacionados⁶. Além disso, iniciei meus estudos da língua japonesa no Centro de Estudos de Línguas da universidade. Nesse período aproximei-me de forma mais íntima das aulas mensais ministradas em São Paulo, pelo mestre Yoshihide Shinzato.

⁴ Traje de prática usado no Karate e equivocadamente chamado de *kimono*.

⁵ Postura na qual as pernas ficam afastadas e os joelhos flexionados.

⁶ PUCINELI, Fabio Augusto. **Estresse em Crianças nas Competições de Karate**. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Treinamento Esportivo. Faculdade de Educação Física. Unicamp. Campinas, 2003.

PUCINELI, Fabio Augusto. **Sobre Luta, Arte Marcial e Esporte de Combate: Diálogos**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Educação Física. Faculdade de Educação Física. Unicamp. Campinas, 2004.

Em 2006 tornei-me professor efetivo da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, em Piracicaba – SP. Durante algum tempo, pratiquei Karate num *dōjō* da cidade que seguia o mesmo estilo e mestre. Também me aventurei a alugar um espaço para ministrar aulas e, quando a proprietária do local me informara de que não poderia mais utilizar o local, motivei-me a prestar um concurso para a Secretaria de Esportes do município visando a possibilidade de continuar ministrando aulas de Karatê, agora em espaços públicos.

Ingressei como funcionário da Prefeitura Municipal no ano de 2008. Não demorou para que eu comesse a ensinar Karatê em diversos bairros da cidade. Com as economias que fiz trabalhando em dois locais, em 2009 acompanhei a delegação comandada pelo mestre Masahiro Shinzato durante o *Okinawa Traditional Karatedo World Tournament* (Figura 1), em Naha, capital de Okinawa, onde tive a oportunidade de participar de seminários ministrados no evento e também de conhecer o *sensei* Morinobu Maeshiro⁷, com quem praticamos em seu *dōjō* em três oportunidades.

Minha primeira impressão sobre o *dōjō* do mestre Maeshiro foi: “nossa, que pequeno!”. Estávamos num grupo de 11 pessoas, acompanhados de uma delegação argentina que somava mais umas 20 e alguns franceses, o que deixou o pequeno lugar abarrotado. Praticamente não havia espaço nem para os movimentos básicos. O filho do chefe da delegação argentina foi responsável pela sessão de alongamento e aquecimento, já que era graduado em Educação Física. Percebi que o Mestre Maeshiro parecia um pouco confuso com os movimentos ginásticos.

Estar em meio aquele grande grupo de pessoas num lugar tão pequeno me deixou um pouco incomodado. Era agosto, verão em Okinawa. Fazia muito calor. Perguntei-me como o mestre Maeshiro conseguia dar suas aulas naquele espaço tão reduzido. Ainda mais, como recebia grupos de outros países para ensinar?

⁷ Mestre Morinobu Maeshiro, 9o dan, foi aluno direto do fundador da escola Shōrin-ryu Shidokan, Mestre Katsuya Miyahira, 10o dan, falecido em 2010. Atualmente é vice-presidente da Okinawa Shōrin-ryu Karate-do Association.



Figura 1: Cartaz do 2009 Okinawa Traditional Karatedo World Tournament. Disponível em: www.okinawa-information.com/blog/2009-okinawa-traditional-karatedo-world-tournament. Acesso em 18/09/2016

Mesmo num grande grupo, Maeshiro *sensei* e sua esposa nos recepcionaram gentilmente em frente ao *dōjō*. Cada pessoa que adentraria, recebia um aperto de mão e uma reverência. Para meus olhos ocidentais aquilo foi impactante. Sendo ele o detentor de tão alta graduação (9º *Dan*) e tão respeitado pelos praticantes, não éramos nós que deveríamos reverenciar ao mestre e sua esposa? Ele é o “mestre”!

Um mestre que pouco falou e muito sorriu durante os três encontros que tivemos para praticarmos com ele. Um mestre que entendia muito de Karatê, mas que, mesmo aparentemente um pouco perdido, parecia receber muito bem os comandos e contribuições dos exercícios de alongamento e aquecimento vindos de um professor de Educação Física argentino.

De maneira geral, nesse primeiro contato com Okinawa fiquei maravilhado com a cultura e intrigado com as diversas maneiras de praticar, ensinar e apresentar o Karatê. Assim, estabeleci como um objetivo de vida voltar ao Japão a fim de morar por um tempo, sendo para trabalhar ou estudar.

Aqueles 15 dias me foram apenas uma amostra. Percebi que eu queria não só viver no Japão por um período. Queria viver o Japão!

Três anos depois, regressei para cumprir o que havia prometido a mim mesmo. Consequira uma bolsa de estudos oferecida pelo *Monbu-kagaku-shō* (Ministério da Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia do Japão), também conhecida como *Monbusho* ou Mext, via Consulado Geral do Japão em São Paulo. Porém, não foi possível estudar em Okinawa, pois nenhuma das universidades oferecia cursos relacionados à minha área de atuação.

Estudei intensivamente a língua japonesa na Universidade de Nagoya por 6 meses. Após esse período, mudei-me para cidade de Ōtsu, onde participei do curso *The Theory of the Japanese Martial Arts*, orientado pelo professor Dr. Kinji Murayama, que me incentivou a também praticar *Kendō*, na Universidade de Shiga, além de prosseguir com os estudos do idioma.

O projeto inicial de estudos visava investigar como as artes marciais aconteciam nas escolas japonesas, já que era um curso de formação de professores. Com o passar do tempo, o professor Murayama me sugeriu que o trabalho final abordasse minha experiência na prática do *Kendō* japonês e o Karatê de Okinawa, estabelecendo relações de semelhanças e diferenças⁸.

Dos 18 meses em que vivi no Japão, visitei Okinawa por quatro vezes a fim de praticar Karatê, onde permanecia por volta de 10 dias. Fui carinhosamente recebido pelo mestre Morinobu Maeshiro, com quem pratiquei com mais intensidade e frequência⁹. Contudo, tive a oportunidade de conhecer e receber orientações de outros mestres, dos diversos estilos e escolas existentes na ilha.

⁸ Optei por especificar o *kendo* como sendo japonês para marcar a diferença entre as culturas do continente principal (também conhecido como “Japão continental”) e da ilha de Okinawa, que tem no Karatê sua principal prática corporal combativa.

⁹ A recepção, acolhida e orientações vindas do mestre Morinobu Maeshiro foram possíveis graças ao amigo e professor de Karatê, *sensei* Flávio Vicente de Souza, que viabilizou meu contato com o mestre okinawano. Meus agradecimentos.

Praticar *Kendō* constituiu uma experiência bastante valiosa, no que se refere às comparações entre as culturas e os valores do Japão continental e de Okinawa, através de suas respectivas e importantes práticas corporais combativas. Os costumes vinculados ao *Kendō* refletem intensamente valores caros à cultura japonesa: pontualidade, respeito à hierarquia e dedicação àquilo a que se propõe a fazer são exemplos desses aspectos.

Não é difícil perceber que há grandes e significativas diferenças entre a cultura e os costumes do povo de Okinawa e do continente. Por exemplo, enquanto o japonês em si é muito sistemático, os okinawanos levam suas vidas e seus compromissos de maneira aparentemente mais à vontade, mas nem por isso descompromissada. Okinawa é mais quente, tanto pelo seu clima tropical, consequência de sua localização geográfica, tanto na acolhida pela população. Isso se reflete em praticamente todas as práticas, inclusive no Karatê.

Durante minha primeira aula particular com o mestre Maeshiro, ele ensinava e demonstrava em mim um movimento no qual havia uma torção no cotovelo. Imediatamente imaginei que seria doloroso e que ele possivelmente iria me derrubar categoricamente ao chão. Mas, aconteceu algo que me deixou espantado. A técnica fora interrompida no momento em que a dor iria começar. E foi só indicado que eu poderia facilmente ter ido ao chão. Sutilmente demonstrou a técnica, sua eficiência e gentilmente me perguntou: "você entendeu?".

A partir daí comecei a compreender o que seria aprender Karatê com aquele sorridente senhor, que não fez questão de mostrar-se poderoso, provocando em mim desconforto e dor (como é muito comum entre professores de Karatê do ocidente, por exemplo), para que eu compreendesse a gestualidade daquele momento. Assim, minha atenção voltou-se para um aprendizado maior naquele dia: o Karatê ensinado pelo mestre Maeshiro não é e nem pode ser bruto; é gentil.

As perguntas que eu fazia enquanto criança, relatadas no início desta apresentação, não foram necessariamente sanadas. Foram transformadas e ampliadas. Assim, o Karatê sempre foi para mim motivo de inspiração e questionamentos, o que levou, inclusive, a realização deste trabalho. Se as artes marciais japonesas foram criadas para que os mais fracos vencessem os

mais fortes, qual seria o motivo de fortalecer o corpo através de longas sessões de ginástica que antecederiam a prática do Karatê propriamente dito? De onde vem a afirmação de que as artes marciais são ótimos agentes para a disciplina e educação das crianças? Como foi possível o Karatê tornar-se um esporte, agora olímpico?

Assim, esta pesquisa parte de questões formuladas a partir das experiências que estabeleci ao longo da vida com as configurações modernas do Karatê, que se manifesta principalmente como esporte e arte marcial (*Budô*) e busca problematizá-las tendo como recorte histórico a Restauração Meiji (1868), evento que marca a modernização japonesa. Dentro desse contexto, nascido no mesmo ano, em Okinawa, a figura de Gichin Funakoshi emerge como aquele que se tornaria para muitos o “pai do Karatê moderno”.

Funakoshi estabeleceu vínculos fundamentais entre as práticas corporais combativas de Okinawa pré-moderna e as demandas de um Japão já bastante modernizado. Fez duas importantes apresentações, em Kyoto e em Tokyo, iniciando um forte movimento de popularização do Karatê. Alterou não somente técnicas, mas maneiras de ensinar, pensar e sentir a prática.

Dessa forma, esta pesquisa também objetiva discutir as tecnologias políticas do corpo envolvidas na modernização do Karatê, bem como busca compreender o que a figura de Funakoshi agregava que proporcionou a invenção de uma história do Karatê e o colocou como um dos principais nomes na empreitada de reformular a referida prática.

A dissertação se apresenta de maneira a problematizar minhas experiências com a prática do Karatê, inclusive em Okinawa, com referenciais históricos e documentos (obras escritas por Gichin Funakoshi, em especial). É formada pelos capítulos “O Karatê Moderno”, que inicia com transcrições da versão esportivizada da prática e, a partir desses registros, apresentam-se regras básicas de como a competição acontece. Basicamente, o capítulo traz a problemática de como o Karatê tem acontecido na atualidade, inclusive como modalidade olímpica.

No capítulo seguinte, o Karatê moderno é interrogado a partir da essencial figura de Gichin Funakoshi: o contexto no qual fora educado, suas influências e implicações na configuração atual da prática. A escrita busca

refletir, quais as novas tecnologias políticas do corpo engendradas pela modernização do Japão através dos discursos de Funakoshi em suas obras e também nos demais referenciais teóricos que embasam a pesquisa.

De maneira geral, a dissertação conta como se deu o encantamento pelo tema Karatê, bem como o desencantamento através dos estranhamentos estabelecidos com as investigações históricas que legitimaram sua prática e popularização: interesses políticos, por exemplo. E, finalmente, a pesquisa explicita um reencantamento: o Karatê visto e sentido como ascese corporal, na busca pela transformação de si.

MÉTODOS

A história do Karatê é muitas vezes contada de forma bastante ingênua. Os fatos são tratados como resultado de simples sequência cronológica de acontecimentos, cujas origens seriam “milenares”. É comum deparar-se, por exemplo, com uma suposta “origem” do Karatê que é associada à lenda na qual as artes marciais orientais teriam sido desenvolvidas a partir dos ensinamentos de exercícios combativos, inspirados em movimentos dos animais, que Bodhidharma (Daruma, para os japoneses) ensinava para monges aparentemente sedentários.

Taghin (1975), por exemplo, afirma que o Karatê é uma “arte de dois milênios” e que é “difícil e mesmo impossível chegarmos à sua história embrionária. São várias as regiões que reclamam sua paternidade (Índia, China e Japão)” (p. 5).

Na *internet* é possível encontrar afirmações como:

Conta a história que em 520 AC um monge budista, “Hindú” [sic], BODHIDHARMA (Daruma em japonês), viajou para a China para ensinar o budismo. Chegando a China Daruma habitou o templo de Shaolin onde passou a ensinar sua filosofia. Muitos de seus discípulos foram incapazes de acompanhar o treinamento devido a pobre condição física.¹⁰

Algumas pesquisas acadêmicas também vinculam a ideia. Como exemplo:

Foi observado que, Bodhidharma, ao chegar no Templo, encontrou os monges numa condição de saúde precária, devido às longas horas que passavam imóveis durante a meditação, na posição de lótus (pernas cruzadas) (MOREIRA, 2003).

Se o Karatê teve uma “origem milenar”, cujo propósito era resolver o problema do sedentarismo de religiosos que supostamente passavam o dia rezando ou meditando (como se não precisassem ao menos fazer limpeza ou

¹⁰ Karatê Jaguaribe. Ceará, Brasil. Disponível em: <http://www.karatejaguaribe.com.br/historia/karate/>. Acesso: 24 de março de 2017.

cozinhar seus alimentos, por exemplo), a tendência seria imaginar que existe uma linha evolutiva que resultou na prática tal como acontece hoje em dia?

Ou seja, parece muito possível que do mesmo pensamento que recorre à “origem” resultem afirmações de que o Karatê tenha atingido seu ápice evolutivo com sua inclusão nos Jogos Olímpicos. Haveria, então uma lacuna na história do Karatê?; um espaço isento de descontinuidades e essencialmente cronológico entre a “origem” e a “evolução” que resultou no Karatê moderno?

Para contrapor essas suposições, encontrei em Foucault (1979) a afirmação: “a história ensina também a rir das solenidades da origem”. O autor prossegue afirmando que:

(...) gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição, que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sombra da primeira manhã. A origem está sempre antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo; ela está do lado dos deuses e para narrá-la se canta sempre uma teogonia (p. 18).

Dessa forma, entendo que não cabe a essa pesquisa seguir trajetórias convencionais, como se a história do Karatê, ou qualquer outra história, fosse contínua ou solene. Pelo contrário. É singular e constituída por rupturas, descontinuidades e contradições. De acordo com Foucault, “a história será ‘efetiva’ na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser” (1979, p. 27).

A abordagem genealógica que propõe Foucault consiste na contraposição “à unicidade da narrativa histórica e à busca da origem” (REVEL, 2005, p.52), estabelecendo uma “crítica da história concebida como contínua, linear, provida de uma origem e de um *telos*” (REVEL, 2005, p.58). Entende que os acontecimentos são singulares e descontínuos.

A descontinuidade, inclusive, é ponto fundamental na Sociologia Configuracional proposta por Norbert Elias, segundo a qual o indivíduo age na sociedade da mesma forma que a sociedade age no indivíduo. A configuração, para Elias, constitui-se de padrões mutáveis, resultado da interdependência entre sociedade e indivíduos: “refere-se à teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si a vários níveis e de diversas maneiras” (ELIAS e DUNNING, 1992, p.25).

Elias defende que determinados fenômenos sociais somente são apreendidos e compreendidos se estudados em recortes de longa duração. Tais fenômenos influenciam decisivamente nas mudanças dos comportamentos, emoções e sensibilidades, cada vez mais internalizadas nos sujeitos.

Investigar sobre a história do Karatê sob pressupostos da abordagem genealógica de Michel Foucault e da sociologia configuracional de Norbert Elias é a proposta deste estudo cuja questão norteadora é se o Karatê praticado hoje em dia pode ser resultado de interações, intervenções e invenções decorrentes de influências ocidentais modernas.

A escolha dos referidos referências tem por objetivo iluminar a questão se muito do que se atribui a supostas “tradições” vinculadas às artes marciais japonesas, em especial ao Karatê, parece constituir-se de reconfigurações às demandas de um novo Japão, pós Restauração Meiji (1868). Nesse sentido, corriqueiramente confundem-se muitos discursos e práticas que se hibridizam indiscriminadamente, misturando valores, inventando e reinventando supostas tradições.

A história do Karatê é constituída de rupturas e discontinuidades. A Restauração Meiji foi um momento histórico de emblemático rompimento na história do Japão e de significativas transformações. Ocorre rápida modernização e ocidentalização dos costumes. De um sistema semelhante ao feudalismo, baseado principalmente na agricultura, pesca e no trabalho artesanal, adota-se o capitalismo e acontecem reformulações das estruturas políticas: o estabelecimento de um poder absolutista e a implantação de uma constituição. Introduz-se a ciência e tecnologia, especialmente devido à acelerada industrialização e militarização (MOTOYAMA, 1994, p.98).

Assim, intervenções biopolíticas fizeram-se necessárias. A fim de criar e gerenciar novos corpos para a nova configuração social, política e cultural que emergia. O corpo dos camponeses, artesãos e pescadores precisava ser disciplinado para o trabalho nas indústrias e para rápida assimilação de costumes e valores ocidentais.

Para Foucault, a biopolítica é o conjunto de ações governamentais sobre as populações, que se materializam pela “gestão da saúde, da higiene, da

alimentação, da sexualidade, da natalidade etc, na medida em que elas se tornam preocupações políticas” (REVEL, 2005). Com ela, os discursos, práticas e representações da modernidade se fazem fortemente presentes, “renovando” aspectos tidos como obsoletos da cultura tradicional, no caso do Japão.

Nascido no mesmo ano da Restauração Meiji e educado de acordo com as novas configurações sociais, Gichin Funakoshi, é hoje entronizado por muitos praticantes, professores e também na literatura, como o “pai do Karate moderno”. Outros mestres também participaram do processo de popularização do Karate pelo mundo, mas elege-se a figura de Funakoshi como representante e responsável pelo processo e pelo conjunto de mudanças ocorridas na prática.

Assim, a Restauração Meiji e suas implicações nos corpos e nos discursos associados à legitimação como arte marcial japonesa constituem o recorte temporal desta pesquisa, que visa compreender as transformações e tecnologias políticas do corpo empregadas e decisivas para a modernização do Karatê.

Partindo do panorama atual do Karatê, que recentemente atingiu seu apogeu como esporte tornando-se modalidade olímpica, a presente pesquisa se faz através de minhas experiências e estudos sobre o Karatê; da análise documental e bibliográfica. Como pressupostos, formas metodológicas sustentadas pela Sociologia Configuracional de Norbert Elias e a abordagem genealógica de Michel Foucault.

Este trabalho busca discutir e compreender como foram possíveis as transformações que levaram à configuração atual do Karatê: de práticas corporais combativas autóctones da distante e Okinawa a um esporte bastante popular e agora, olímpico. Também procura refletir sobre o papel histórico da figura de Gichin Funakoshi, personagem fundamental nas reconfigurações da prática e disseminação do Karatê pelo mundo¹¹.

¹¹ Nesta dissertação, todas as citações retiradas de referências em línguas estrangeiras constituem traduções livres. Os respectivos trechos originais aparecem em notas de rodapé.

O KARATÊ MODERNO

Semifinal

Mayazaki, dos EUA!

É, e se o Douglas Brose é o lutador a ser batido, o americano parece preparado para complicar para o brasileiro. Ele venceu as três lutas que teve na primeira fase. É um lutador muito técnico. Agora, o Brose é o melhor do mundo, né, Gotino?

O Brose é o melhor do mundo! Douglas Brose, o fera no Karatê! E que o Douglas Brose não fique com o bronze, né. Que ele fique com o ouro!

Vai começar a luta. A gente já volta pro vôlei. Tem disputa de medalha aí. A luta é rápida. O jogo lá... no tempo técnico. E a gente, olha, são três minutos...

Se a luta parar... Olha, já começou de forma intensa.

Já pegou um ponto no rosto do americano.

Ponto pro brasileiro! Começou bem o brasileiro. Esse é o Douglas Brose, prazer! Esse é o cartão de visita dele. Já chegou chegando. É o Karatê. Tem no Pan, mas não tem na Olimpíada. O Japão quer levar o Karatê para os Jogos Olímpicos de 2020.

Dois minutos e meio de luta. Já se passaram mais de 30 segundos... Fugiu legal ali o brasileiro. É experiente, é campeão mundial. Mas o Mayazaki quer porque quer a vaga na grande final. Quer tirar a medalha de ouro do brasileiro.

É, na hora que eles se encostam aí, precisa tomar muito cuidado para não receber um golpe. Uma punição para o Brose, mas tudo bem.

A luta é tensa. Dois minutinhos e a gente já volta pro... pro vôlei. Ta comemorando ali o brasileiro, acho que vem ponto, heim.

Tão pedindo a revisão, exatamente pro golpe de direita dele.

A comissão técnica brasileira, o brasileiro conseguiu, Douglas Brose marcar o ponto. Daqui a pouquinho você vai ver o Brasil fechar o set, porque aqui é só mais um minutinho de luta, ó. Um e vinte e um. Se a luta para, a gente volta pro vôlei. Olha só, é uma luta rápida. São três minutos pros rapazes, dois minutos as moças. Feminino, dois minutos. No masculino, três minutos. É o Karatê. Muita gente não sabia, mas o Brasil tem a fera... do Karatê, Douglas Brose. É esse aí de azul. A faixa azul, o equipamento de proteção azul. Ele já tem dois *yukos*. Ele é bom... no soco... e ele é casado com a técnica.

Que é a única brasileira tetra campeã panamericana.

É a fera, a brasileira, esposa do Douglas Brose.

Lucélia Brose!

Lucélia...

Eles têm um filho que se chama Daniel, em homenagem a Daniel san... que ficou muito famoso com o filme Karatê Kid. Inclusive, a luta que nós mostramos agora há pouco, da brasileira, ela começou a lutar o Karatê por causa do filme.

Vibra demais o brasileiro! Acho que tem ponto, heim. Entrou o golpe do brasileiro de novo no *yuko*.

A esquerda dele. Três a zero.

Olha aí, vai pra três a zero. O brasileiro vai carimbando o passaporte pra final. Legal demais. Aline De Paula começou a lutar o Karatê por causa do filme *Karatê Kid*. É legal. Essas histórias a gente vai contando pra você. Olha aí. Esse é Douglas Brose. Mostrando seu cartão de visita para o americano.

Final...

Karatê, meu amigo, Wilson Baldini! Começando a luta e o brasileiro já com dois pontos de vantagem. Brasil e Venezuela. É o Karatê masculino na categoria até 60kg. Emoção demais! Ta valendo ouro, Baldini! Eu quero ver o Brasil ganhar o ouro, Baldini!

Olha, e quando o Brasil conseguir a vitória aí no 4º set, o Brose acertava um chute no, no tórax do lutador venezuelano, abrindo dois pontos. Ele é muito rápido, o brasileiro. O venezuelano também, mas ele consegue realmente surpreender ora com os braços, ora com as pernas. É um lutador completo, Gotino

Daqui a pouco, *tie breake* do vôlei. Daqui a pouco *tie breake* do vôlei, agora você ta vendo o Brasil disputando ouro e o brasileiro já está em vantagem. É Douglas Brose, campeão mundial, quer a medalha de ouro... no Pan! Recebi mensagens durante toda a tarde, das academias espalhadas pelo Brasil. As academias de Karatê, porque a Record News prestigiou o Karatê durante a tarde. As vitórias do Brose. E as meninas também que fizeram bonito o papel. Daqui a pouco o Brasil vai brigar pelo ouro no feminino também. Olha, um minuto e meio pra gente conquistar esse ouro. Vamos lá, Douglas Brose! ... cai agora o brasileiro... dois a zero, a vantagem é dele.

Olha, Gotino, e ele nem soltou o golpe principal dele até agora, heim. Um chute no rosto de calcanhar. Ele nem precisou fazer isso no pan americano.

Os nomes são idênticos, embora os golpes sejam diferentes, tem *yuko*, tem *waza-ari*, tem *ippon*...

Essas são as pontuações, né...

Olha lá, dois a zero. Um minutinho. Um minutinho pro Brasil conquistar... essa medalha de ouro. Aí vai ficar bom demais, heim. Eu não ouvi o hino nacional brasileiro hoje ainda.

Olha, acho que mais um terceiro ponto aí, heim, Gotino.

Vem mais um ponto pro brasileiro, vamos aguardar.

Ah, eles não deram.

Não deu, não deu. O brasileiro comemorou ali, mas a arbitragem não viu o golpe entrando. Tem isso também, né. Você às vezes entra com um golpe mais ou menos e no grito você tenta induzir a arbitragem. Dessa vez a arbitragem não caiu. Dois a zero. Lembrando que o Karatê é um esporte... o Baldini explicou hoje, muito bem explicado... é um semicontato, que você não entra com o golpe definitivamente. Você não acerta o adversário em cheio. Você marca o ponto. Você marca a entrada. Você mostra que você conseguiria atingir o adversário, mas você não desfere o golpe com violência. E agora, acho que olha lá, ó...

É uma... acho que mais uma punição. A primeira punição para o lutador da Venezuela.

O brasileiro comemora agora um soco no rosto, ele já avisou o técnico que se não derem o ponto, pra pedir a revisão. E é o que acontece, ó. Tem um entrosamento, o atleta, o karateca com o seu técnico... e ele informa com o olhar ali se ele acertou, para o técnico pedir, porque a luta é muito rápida. Agora no replay, em câmera lenta, a gente consegue ter uma... ih, entrou! Baldini, entrou, heim.

É, agora a análise tem que ser feita pra ver se ele marcou só ou se ele golpeou forte demais.

E se for forte demais, ele pune o brasileiro.

É, mas foi ponto pra ele.

Se o golpe for forte demais o atleta é punido, porque não é pra, pra agredir. É pra você marcar o ponto. No Karatê é assim. Mas o brasileiro, ele é muito técnico. Já abriu três a zero. Ta faltando sete segundos só e agora vem mais um ponto pro Brasil aí, heim! Vamos aguardar a marcação da arbitragem, mas faltam só sete segundos. Olha lá, quatro pontos, acho que não perde mais o brasileiro nessa luta. Difícilmente vai perder o ouro. Foge da luta, se esquivava ali. É o Karatê pra você... um segundo! Abre o sorriso, Douglas Brose! Com ele não tem bronze. É Douglas-ouro! É ouro para o Brasil! É ouro para o Brasil, pode vibrar!

*

Em quase 20 segundos, uma abertura num fundo azul, com um traço vermelho que vai delimitando um quadrado. Há muito brilho e uma música que aparenta pretender-se motivacional. Como numa marca d'água, cenas de confrontos e performances, seguidas pela imagem do planeta Terra, que se transforma em cinco círculos preenchidos com cores e formas que remetem aos anéis olímpicos, emoldurados juntos pelo nome "World Karate Federation".

A seguir, o gigantesco AccorHotels Arena, em Paris, praticamente lotado. Na vista panorâmica, o centro é a arena elevada para uma final do campeonato mundial de Karatê, realizado em 2014. A estrutura é de exemplar competência para o espetáculo que se espera. Há telões e câmeras posicionadas em locais estratégicos. Os espectadores são logo informados sobre o que apreciarão, com os respectivos nomes das competidoras e seus países vinculados à tela.

A competidora do país sede já se apresentou. No referido vídeo, de pouco menos de cinco minutos, o foco é a representante da "tradição", a japonesa Rika Usami, que veste a faixa azul.

Seu olhar é compenetrado. Ao fundo, muitos fotógrafos profissionais. Ela anuncia vigorosamente: “*Chatanyara Kushanku*” – o nome do *kata* do qual se vale para apresentar na grande final.

O silêncio, digno de partidas de xadrez, é interrompido apenas pelo som de sua forte respiração e de seus próprios gestos: estalos provocados pelo traje de lona, e pelos calorosos aplausos do grande público, admirado com a maestria que Usami executa belamente complicadas sequências do referido *kata*.

Ao fundo, os patrocinadores são muito bem valorizados. Suas propagandas estão estrategicamente bem posicionadas.

Há várias e grandes pausas no *kata* de Usami, que são interrompidas por movimentos bastante explosivos, seguidos de lentos, num ciclo rítmico que chama a atenção.

Usami termina o *kata* sendo ovacionada pelo público, que aplaude em pé. A decisão é unânime. Cinco bandeiras azuis são erguidas. A multidão se levanta e, em pé, intensifica seus aplausos. As competidoras cumprimentam-se, seguem os rituais de despedida e Usami chora emocionada. Balança os braços como uma pequena menina. Seu choro parece expressar grande alegria e alívio. A japonesa permite, naquele breve momento, que seu laborioso treinamento seja recompensado pela felicidade em ser campeã mundial¹².

O vídeo é encerrado com a mesma vinheta de abertura e logotipo da WKF é vislumbrado no último segundo, fechando os 4 minutos e 52 segundos de exibição.

*

A primeira transcrição acima corresponde à narração dos confrontos semifinal e final (categoria -60kg *kumite*), dos Jogos Pan Americanos realizados em 2015, em Toronto (Canadá), modalidade Karatê. Quem disputa é o brasileiro Douglas Brose. O combate foi transmitido pela Record News e divulgado na internet através do canal YouTube, pela MPETV¹³.

¹² Em entrevista cedida a Jesse Enkamp, Usami afirma que chegou a praticar 12 horas por dia: “I sometimes practised from 10 am to 10 pm. Many times I practised by myself too, even after finishing the group training sessions”. A entrevista completa pode ser visualizada em: <http://www.karatebyjesse.com/rika-usami-karate-kata-queen-interview/> (acesso em 26/12/2016).

¹³ Jogos Pan Americanos de 2015. Toronto, Canadá. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R8K3bs8hNBk>. Acesso: 06/12/2016. Transmissão televisiva, Record News e divulgado na internet pela MPETV.

A narração e comentários lembram as que são feitas em esportes como futebol e vôlei. Há identificação patriótica e coletiva: “eu quero ver o Brasil ganhar o ouro”. Não é o Brasil que ganha o ouro. É o competidor. O mimetismo permitido pelo esporte de ter o país representado por um atleta ganha espaço na metonímia narrativa: “um minuto e meio pra gente conquistar esse ouro”.

Como as disputas acontecem simultaneamente a outra modalidade, narrador e comentarista lembram, repetidamente, os espectadores de que em instantes a transmissão será para o vôlei. Lembram também que “o Karatê é um esporte” e que contatos excessivos ou comportamentos que vão contra o *fair play* são passíveis de punições:

é um semicontato, que você não entra com o golpe definitivamente. Você não acerta o adversário em cheio. Você marca o ponto. Você marca a entrada. Você mostra que você conseguiria atingir o adversário, mas você não desfere o golpe com violência.

No comentário é evidente a preocupação com o controle da violência, marca fundamental para compreensão do esporte moderno, no qual as agressões devem acontecer simbolicamente. O narrador também apresenta outra condição: a possibilidade de esquecer temporariamente o “jogo limpo” e trapacear: “Você às vezes entra com um golpe mais ou menos e no grito você tenta induzir a arbitragem. Dessa vez a arbitragem não caiu”.

Em seguida, um fragmento da categoria *kata* feminino, na final do 21º Campeonato Mundial de Karatê, realizado em Paris (2012). Quem apresenta a performance é Rika Usami, japonesa nascida em Tokyo, que vence a francesa Sandy Scordo na referida disputa pelo título.

As regras seguidas são as institucionalizadas pela World Karate Federation (WFK), segundo as quais a competição acontece em dois momentos: *kata* e *kumite*. O primeiro é constituído pela performance na qual o competidor realiza uma sequência pré determinada de movimentos que representam um combate. Basicamente, são avaliadas a correta execução das técnicas, a potência e ritmo. Pode acontecer individualmente ou em equipes de 3 pessoas, quando o sincronismo também é elemento de avaliação.

Kumite é o combate propriamente dito, no qual dois competidores buscam o maior número de pontos num intervalo de 3 minutos para categoria

masculina e 2 minutos para a feminina¹⁴. Socos valem *yuko*, um ponto. Chutes na região média 2 pontos (*waza-ari*). Chutes altos ou golpes enquanto o oponente está caído, 3 (*ippon*). As penalidades vão desde contatos excessivos, especialmente no rosto ou em áreas não pontuáveis (braços, pernas e peito do pé, por exemplo) à falta de combatividade, quando os oponentes ficam tempo considerado excessivo sem atacar.

Tanto para *kata* como para *kumite*, os competidores tiram as faixas que representam suas graduações e vestem uma vermelha (*aka*) ou azul (*ao*). No caso do *kata*, portadores da faixa vermelha executam primeiro. Há cinco juízes. Cada um porta uma bandeira com as respectivas cores das faixas. Assim que o segundo competidor realizar o *kata*, os dois posicionam-se na entrada da área de competição e os árbitros, que, ao som de um apito, levantam a bandeira da cor daquele que julgarem ter tido melhor desempenho¹⁵. Nas Figuras 2 e 3 é possível visualizar o posicionamento dos competidores e árbitros.

A WKF é a entidade reguladora do Karatê esportivo reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional. Existem muitas outras federações e regras das mais diversas. Mas é a WKF a responsável pela campanha pela inclusão do Karatê nos Jogos Olímpicos de 2020, em Tokyo, o que foi concretizado no dia 3 de agosto de 2016, quando o Comitê Olímpico Internacional aprovou a proposta para inclusão dos esportes sugeridos pela comissão organizadora das Olimpíadas de 2020.

¹⁴ Enviei e-mail à Federação Paulista de Karatê solicitando esclarecimentos sobre os motivos dessa diferença entre os tempos de combate e não obtive nenhuma resposta.

¹⁵ Maiores informações sobre o regulamento podem ser encontradas no endereço eletrônico da Federação Paulista de Karatê (FPK): http://www.fpk.com.br/upimg/ck/files/wkf_2015.pdf ou diretamente no site da World Karate Federation (WKF): <http://www.wkf.net/ksport-rules-regulations.php>.

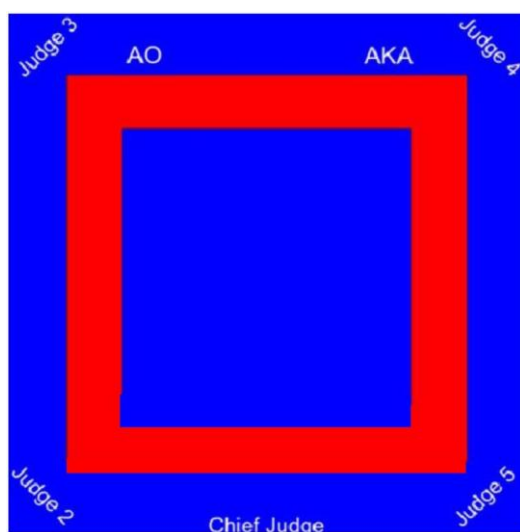


Figura 2 : Área de competição demarcada com o posicionamento dos árbitros e dos competidores (aka e ao). Disponível em : http://www.fpk.com.br/upimg/ck/files/wkf_2015.pdf. Acesso: 09/12/2016

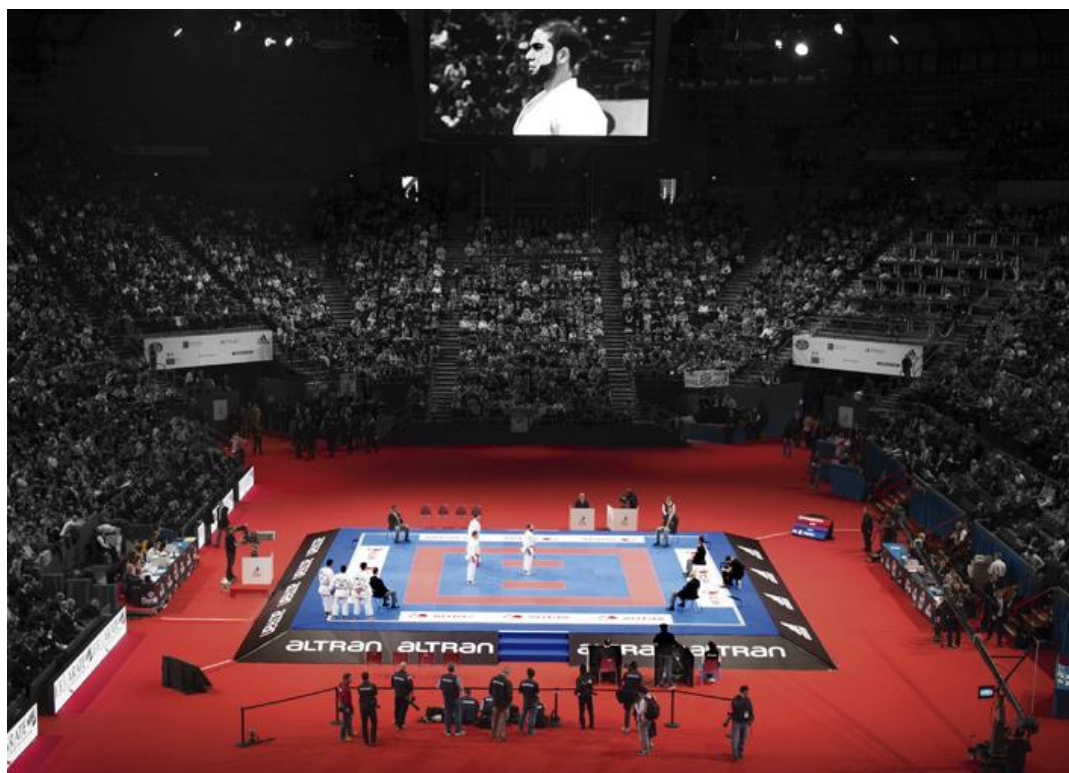


Figura 3 : Disputa de uma final da categoria *kata* equipe masculino. Disponível em : <http://www.wkf.net/thebook/>. Acesso : 09/12/2016



Figura 4: Parte da campanha para inclusão do Karatê nos Jogos Olímpicos de 2020, realizada pela WKF. Disponível em: <http://www.wkf.net/thebook/>. Acesso: 10/12/2016

Durante as Olimpíadas, as competições de Karatê acontecerão na *Nippon Budōkan*. Local conhecido como a sede das artes marciais japonesas. Construído em 1964 para sediar as disputas de Judô durante os Jogos Olímpicos de Verão, foi onde aconteceu o primeiro Campeonato Mundial de Karatê, em 1970. Além de eventos relacionados às artes marciais japonesas, recebe apresentações musicais de grande porte. Sua arquitetura, como de outros *Budōkan* pelo Japão¹⁶, é praticamente um misto entre templo e ginásio.

Nas Figuras 5 e 6, a seguir, é possível identificar semelhanças arquitetônicas entre a *Budōkan* de Tokyo e um dos mais antigos templos do Japão, o *Todaiji*.

¹⁶ Existem vários *budokan* pelo Japão. Visitei os de Kyoto, que parece apresentar mais traços arquitetônicos tradicionais; o de Okinawa, cuja construção lembra um *kabutō* (capacete de samurai) gigante e o de Shiga, que fica num prédio comum. Cada andar é reservado a uma arte marcial específica.



Figura 5: Tokyo Budōkan. Disponível em: <http://www.japanvisitor.com/tokyo-travel-guide/Budōkan>. Acesso: 22/02/2017



Figura 6: Templo Todai (*Todaiji*), em Nara. Arquivo pessoal do autor.



Figura 7: Okinawa Budōkan. Arquivo pessoal do autor. A imagem foi editada para preservar a identidade das pessoas.

Em sua longa empreitada para incluir o Karatê nos Jogos Olímpicos, a WKF lançou mão de diferentes tecnologias para que a modalidade atendesse às demandas olímpicas: cuidadosa filmagem e edição dos principais campeonatos de amplitude mundial, vinculando as imagens especialmente pelo seu canal no YouTube; padronização cada vez mais rigorosa das vestimentas dos competidores, bem como de suas proteções; seleção dos golpes que possam proporcionar uma espetacularização maior para melhores pontuações; rigor sobre comportamentos supostamente “anti-esportivos” etc.

A WKF declara em sua página virtual que seu “Projeto Olímpico” constituiu-se na mudança da natureza da competição para “aprimorar” a prática esportiva e criar eventos atrativos, com significativos impactos visuais, com regras mais objetivas, simples e justas. Ou seja, a WKF investiu, e tem investido na espetacularização crescente da competição de Karatê.

Antonio Espinós, presidente da entidade, afirma que “a WKF tem impulsionado a evolução do Karatê de uma arte marcial esotérica asiática para um esporte

cativante e dinâmico com apelo global”¹⁷ (ESPINÓS, 2016). O representante da instituição afirma que durante quatro décadas foram feitos grandes investimentos na proteção dos competidores, na padronização do treinamento e qualificação da arbitragem, bem como na vinculação das competições à mídia, com transmissões em tempo real, inclusive.

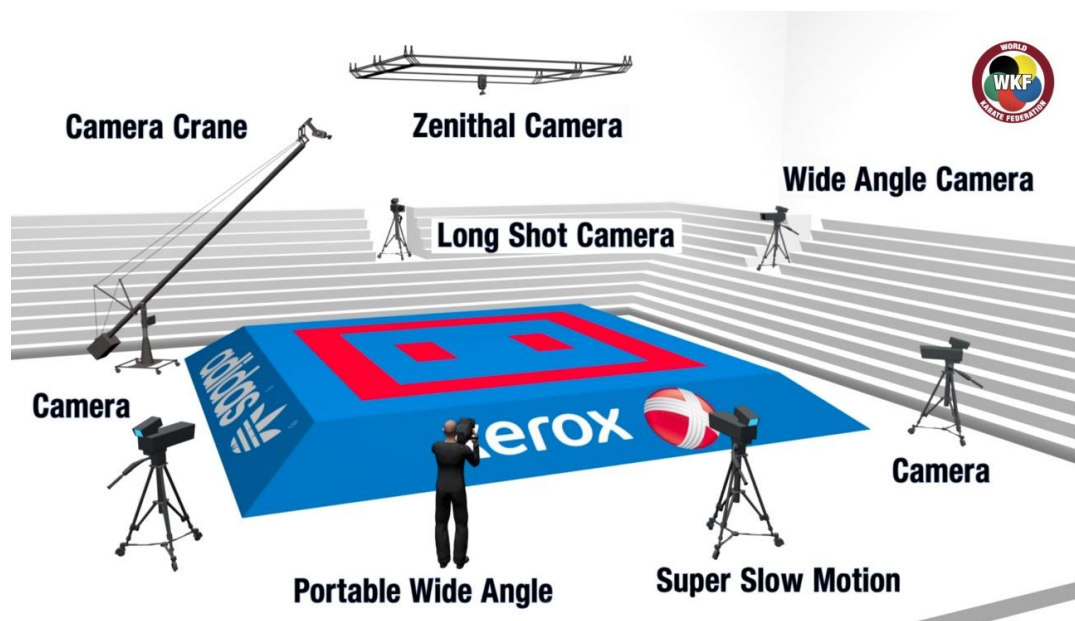


Figura 8: Disposição das câmeras para registro das disputas finais durante os eventos da WKF. Disponível em: <http://fightnetwork.com/news/6385495:world-karate-federation-ups-hd-production-in-2013/>. Acesso: 09/12/2016.

A WKF possui um canal de televisão pago (WKF TV), através do qual proporciona “em tempo real, Karatê de nível mundial para as vidas e salas de estar de qualquer pessoa, em qualquer lugar do planeta”¹⁸. Além disso, a WKF

¹⁷ “The WKF has driven the evolution of Karate from an esoteric Asian martial art into a captivating and dynamic sport with global appeal” (ESPINÓS, 2016). <http://www.wkf.net/thebook/>.

¹⁸ “Through four decades of diligent investment in the safety of Karate athletes, standardized coaching and refereeing competence, as well as contemporary media promotion, the WKF has brought real-time, world-class karate into the lives and living rooms of anyone, anywhere on the planet” (WKF, 2016: www.wkf.net/thebook).

também tem um movimentado canal no Youtube, com mais de mil vídeos e mais de 150 mil inscritos¹⁹.

Um dos investimentos tecnológicos da WKF é o chamado “*Hawk-eye*”, sistema que permite a revisão de ocorrências durante o combate. Segundo o regulamento, cada técnico recebe um cartão vermelho ou azul que será usado caso haja dúvidas acerca das pontuações validadas pela arbitragem. Uma comissão examina o vídeo do combate. Caso o ponto seja válido, o cartão será mantido com o técnico. Se o protesto for rejeitado, este será retirado do treinador.

A referida tecnologia do *replay* é um forte recurso para garantir que os combates sejam mais justos. Quanto maior é a suposta igualdade de condições, mais garantido é o espetáculo, que encontra numa provável justiça e imparcialidade, dois importantes elementos que legitimam o *fair play*. É uma tecnologia que vai além dos olhos. Garante uma nova vigilância para outra noção de “justiça”.

“Depois de quase meio século de sucesso inovador”, afirma Espinós (2016), “a WKF espera continuar o desenvolvimento multifacetado do Karate em benefício da humanidade”²⁰.

As declarações de Antonio Espinós parecem explicitar um possível colonialismo, que se impõe sobre as culturas supostamente exóticas e parecem resgatar e validar os discursos vinculados à modernização do Karatê a partir da Restauração Meiji (1868). Apresenta que uma das intenções da WKF é continuar a modernizar aquilo que era uma “arte marcial esotérica asiática” para que seja um esporte – uma espécie de “higienização” e “pasteurização” da prática de modo que aconteça e possa ser compreendida mundialmente.

Espinós parece renovar declarações de Funakoshi (1981), que declara no prefácio de sua autobiografia ter devotado tempo e esforço à tarefa de

¹⁹ Informações verificadas em 14/02/2017.

²⁰ “After almost half a century of innovative success, the WKF looks forward to continuing the multifaceted development of Karate for the benefit of humankind” (ESPINÓS, 2016. Disponível em: www.wkf.net/thebook).

“refinar” o Karatê, “essa arte de autodefesa para seu presente estado de perfeição”.

Foi no início dos anos 1920, 100 anos antes dos próximos Jogos Olímpicos de Tokyo, que os japoneses se depararam pela primeira vez com uma luta de boxe. A divulgação desta aconteceu como num filme: nos cinemas. Os americanos Jack Dempsey e Georges Carpentier protagonizaram o duelo que deixou os japoneses atônitos. Havia recessão pós I Guerra Mundial e acreditava-se que possíveis sentimentos de apatia poderiam ser amenizados mediante inspirações que o intrigante combate teria despertado.



Figura 9: Japanese Boxing, Jack Dempsey vs. Georges Carpentier, July 1921

Fonte: <http://www.chisholm-poster.com/cgi-local/search.cgi?section=&search=japanese+boxing>

Acesso em 29/08/2016

Até então os japoneses conheciam suas formas peculiares de práticas corporais combativas que usavam implementos (espadas diversas, alabardas, arco e flecha etc) ou que tinham em seu repertório técnico, agarramentos, projeções e imobilizações, por exemplo. Nada parecido com aquilo que poderia ser mais uma alternativa para reforçar o *Yamato Damashii* - o espírito nacionalista japonês.

Boxeadores famosos foram convidados para apresentações a fim de promover o esporte no Japão. Mas o país já estava sob forte influência estrangeira em diversos âmbitos, inclusive educacionais e militares. Grande parte da população sentia-se saturada dessa situação e não queria mais um elemento vindo de terras estrangeiras.

A opção viria de ilhas do Sul, mais especificamente de Okinawa, onde eram praticados estilos particulares de formas combativas, que utilizavam os punhos. Inclusive a denominação mencionava essa peculiaridade: *Ti* (ou *Te* = “mãos”) – prática que posteriormente iria se reconfigurar em *Karatê*²¹, a partir de influências do que os japoneses chamavam de *Kenpo* (método de punhos), vindo da China.

Okinawa está situada há aproximadamente 1600 Km ao sul de Tokyo. É a principal ilha, dentre as mais de 100 que fazem parte do arquipélago Ryukyu, um reino independente até o final do século XIX. Possui cultura bastante peculiar em virtude de sua posição geográfica e relações comerciais com países próximos, principalmente China e Japão.

É conhecida pela cortesia de seus habitantes. Um dos seus principais símbolos, o Portal de Shuri *Shureimon* (守礼門) traz essa característica em sua inscrição: *Shurei no Kuni* (守禮之邦) – “lugar da cortesia”. Funakoshi (1981, p.32) observa que a “essência da arte” do Karatê é resumida em “Karatê

²¹ Para maiores informações, consultar: ENKAMP, Jesse. Why Modern Karate Is Broken (& How You Can Fix It). Fonte: <http://www.karatebyjesse.com/why-karate-is-broken/>. Acesso em 26/12/2016.

começa e termina com cortesia” e cita, em sua autobiografia, o exemplo do famoso portal.

Atualmente, estar em Okinawa é estar no Japão e é também não estar no Japão. A língua oficial é a japonesa, mas, algumas pessoas, principalmente os idosos, ainda se comunicam através do que se tornou um dialeto peculiar, o *uchinaguchi*. Há grandes lojas de departamento, de conveniência, multinacionais etc. A maior base militar americana fora dos Estados Unidos está localizada em Okinawa. Ao mesmo tempo, basta sair um pouco do centro de Naha, a capital, para deparar-se com ruas bastante estreitas e casas bem pequenas. Conjugados a muitas dessas casas, algo bastante comum em Okinawa: diversos *Dōjō* de Karate.



Figura 10: Shurei-mon, um dos principais símbolos de Okinawa. Portal que dá acesso ao castelo de Shuri, onde acontecia a maior parte das transações comerciais com a China, Japão e outros países asiáticos. É possível visualizar a inscrição *Shurei no Kuni* (Lugar da Cortesia)
Arquivo pessoal do autor.

Devido às relações comerciais com a China, os habitantes de Okinawa aprenderam e ressignificaram diversas práticas corporais combativas. As

desprovidas de armas eram chamadas genericamente de “Ti” (ou “Di”)²² que, combinadas com técnicas chinesas de combate, receberam o nome de *tōde* (唐手), ideogramas que contam com outras duas leituras possíveis: o *Tōdi* e *karate* - “mãos chinesas”). Havia também uma prática corporal combativa autóctone denominada *Okinawa-ti*.

Visitar Okinawa um mês após ter visitado a China, possibilitou-me sentir e observar com mais cuidado o hibridismo cultural existente na ilha: há características da cultura japonesa e chinesa em diálogo constante nas artes, nos costumes, na culinária e na maneira de viver, formando, como diz Sakurai (2007) “um amálgama” de tradições.

Os okinawanos sempre estiveram próximos dos japoneses, embora a posição geográfica do antigo Ryukyu favorecesse o intercâmbio cultural com a China e a Coreia, tornando a sua cultura um amálgama de todas essas tradições (SAKURAI, 2007, p.54).

Okinawa mantinha um “lucrativo comércio” com a China (geralmente via Fuchou, na província de Fukien), com o Japão continental e sudeste da Ásia, o que proporcionou um significativo crescimento econômico até ser invadido pelo clã Satsuma, de Kyushu, em 1609 (BISHOP, 1999, pp. 09 e 10; STEVENS, 2007, p. 55).

“O feudo de Satsuma era o mais guerreiro do Japão”, segundo Stevens (2007), “com uma proporção entre samurais e pessoas comuns de um para três (a média nacional era de um para dezessete)” (p. 55).

A invasão de Satsuma fazia parte da campanha para unificação nacional imposta pelo shogunato Tokugawa²³. Porém, segundo José Yamashiro (1997), jornalista que se dedicou a estudar e publicar obras relacionadas à cultura e história japonesa, “Ryukyu não estava preparado para enfrentar as pressões transformadoras dessa nova situação”. O autor afirma que a invasão foi

²² É muito comum encontrar na literatura a leitura conforme o ideograma, cuja pronúncia em língua japonesa é “Te”. Porém, em *uchinaguchi*, língua de Okinawa antes de ser incorporada oficialmente ao território japonês, pode também ser lido como “Ti”.

²³ Shogunato: espécie de governo militar surgido no século XII. O período Tokugawa vai de 1603 a 1868, quando o Japão se fecha para as relações internacionais e há significativa consolidação de aspetos culturais e políticos.

inesperada: “o espanto e a atonia causados pela nova ordem político-social produziram confusões e contradições internas que duraram cerca de meio século” (p.187).

Uma das providências de Satsuma foi banir o uso de qualquer tipo de arma e a prática de artes marciais pelos habitantes de Okinawa – fator que, segundo Nagamine (1998), intensificou o desenvolvimento da prática corporal combativa denominada *Te*, que era praticada em segredo.

As artes marciais de Okinawa eram praticadas em rigoroso segredo, para evitar sua observação por parte tanto dos senhores de Satsuma como das escolas rivais. As técnicas marciais eram consideradas patrimônio de família e protegidas zelosamente de geração a geração (STEVENS, p.57).

Ensinava-se o *Tōdi* somente aos primogênitos ou a seletos eleitos, geralmente amigos da família. A esse costume dava-se o nome de *isshisōden* (一子相伝) e foi abolido com a Restauração Meiji, quando o Karate deixa de ser proibido e passa a ser popularizado.

Apesar da imposição desta proibição por mais de trezentos anos, a arte do *te* não foi perdida. A arte proibida foi transmitida de pai para filho entre a classe samurai²⁴ em Okinawa. O treino continuava em segredo; devotos praticavam em lugares escondidos e remotos, encontrando-se entre a meia-noite e o amanhecer, por medo de informantes (NAGAMINE, 1998, p.21)²⁵.

Após presenciar uma apresentação de Karatê em sua passagem por Okinawa, no início dos anos 1920, o imperador Hiroito convida o professor okinawano Gichin Funakoshi para demonstrar a prática no Japão continental. Encorajado por seus mestres, Funakoshi aceita a proposta de expandir o

²⁴ O autor se refere aos *pechin*, classe guerreira de Okinawa equivalente aos samurais, mas com particularidades. A classe samurai propriamente dita não existiu em Okinawa.

²⁵ Despite the enforcement of this ban for over three hundred years, the art of *te* was not lost. The forbidden art was passed down from father to son among the samurai class in Okinawa. Training went on in secret; devotes practiced in hidden and remote places, meeting between midnight and dawn for fear of informers (NAGAMINE, 1998, p.21).

Karate além da ilha. Assim, a prática sofreria diversas transformações técnicas e conceituais.

Segundo Johnson (2012, p.62), para que o Karatê pudesse ser considerado uma arte marcial japonesa, foi necessária uma espécie de “tradução cultural”: do contexto específico da cultura de Okinawa para os códigos sociais já consideravelmente modernizados do Japão continental. Foram também introduzidos elementos das tradições marciais japonesas, como rituais de comportamento no *dojo*, por exemplo.

É muito provável que o iniciante na prática do Karatê não saiba que essa arte marcial é consideravelmente diversificada. Há uma quantidade muito grande de estilos, escolas e federações. Mesmo em seus primórdios, o Karatê acontecia de maneira diferente conforme as características, necessidades e interesses daqueles que praticavam e ensinavam. As três primeiras versões reconhecidas em Okinawa faziam referência às cidades onde eram praticados: Shuri-Te (首里手), Naha-Te (那覇手) e Tomari-te (泊手). Cada qual com suas particularidades, foram precursores do que seriam mais tarde os estilos de Karatê propriamente ditos.

As relações culturais com a China começaram na segunda metade do século XIV, quando mais de 500 chineses migraram de Fujian para Okinawa e estabeleceram uma comunidade numa área chamada Kume. Eles introduziram elementos da cultura chinesa para o povo do arquipélago, inclusive práticas corporais combativas (JAPAN KARATE ASSOCIATION, p.189).

O século XV foi marcado por intensas trocas culturais entre Ryukyu e os países asiáticos. Na obra publicada originalmente em 1976, intitulada *The Essence of Okinawa Karate-do*, Shoshin Nagamine, fundador da escola *Matsubayashi Shōrin-ryu*, corrobora que a prática corporal combativa conhecida como *Te* se desenvolveu fortemente sob tais circunstâncias, especialmente influenciada pelas artes marciais vindas da China (1998, p.20).

Segundo Nagamine (1998), entre o final do século XVII e início do século XVIII houve uma espécie de fusão com estilos chineses de auto-defesa, o que deu origem aos *kata* de Karatê. Através da tradição oral e do treinamento corpo a corpo, as atuações secretas de mestres chineses na arte da auto-defesa

passaram a ser conhecidas e seus *kata* foram integrados ao *te* (NAGAMINE, 1998, p.21).

Okinawa passou a receber as determinações decorrentes da reforma Meiji somente a partir de 1879, quando é oficialmente incorporada ao Japão, sendo considerada como província (*ken* - 県). Dentre as diversas modificações impostas, a língua japonesa passa a ser o idioma oficial.

Uma importante alteração imposta pelo governo Meiji foi a abolição do uso de coques (também chamados “birote”), que “eram um indicador da posição social e da boa educação dos nobres de Okinawa”, segundo Stevens (2007), “e a perda desse símbolo significou o fim de seu mundo (que era exatamente o que os reformadores Meiji tinham em mente)” (p.59).

Funakoshi (1985), inclusive, inicia o primeiro capítulo de sua autobiografia, *Karate-do, My way of life*, com o tópico *Losing a Topknot* (A Perda do Birote), o que demonstra a grande importância desse emblemático fato e as transformações de simbologias e condições culturais daí decorrentes. Diz Funakoshi:

Dentre as muitas reformas instituídas pelo jovem governo Meiji durante os primeiros vinte anos de sua existência foi a abolição do birote, um estilo de cabelo masculino que fora uma tradicional parte da vida japonesa durante tanto tempo que ninguém poderia se lembrar. Em Okinawa, em particular, o coque era considerado um símbolo não simplesmente de maturidade ou virilidade, mas de masculinidade propriamente dita (FUNAKOSHI, 1981, p.2)²⁶.

O corte do coque vai além de um simples ato de mudar a aparência física. Representa o rompimento com as tradições e os valores implícitos no trato com a cultura materializada no corpo, nesse caso, imposto pelos reformadores de Meiji, sob o pretexto da modernização. Implica na abolição de uma espécie de orgulho identitário.

²⁶ Among the many reforms instituted by the young Meiji government during the first twenty years of its life was the abolition of the topknot, a masculine hairstyle that had been a traditional part of Japanese life for much longer than anyone could possibly remember. In Okinawa, in particular, the topknot was considered a symbol not simply of maturity and virility but of manhood itself (FUNAKOSHI, 1981, p. 2).

Funakoshi atendeu às condições impostas para atingir seu objetivo de tornar-se professor. Uma dessas condições foi a de cortar seu coque, usado por pessoas de classes nobres em Okinawa, um forte e tradicional símbolo da ilha. Como ele mesmo afirmou em sua autobiografia, o birote havia sido considerado uma “reliquia do passado” (FUNAKOSHI, p. 5).

Com esse significativo gesto de ruptura e corte com as tradições, Funakoshi foi ao encontro das demandas do Japão moderno, na tentativa de contribuir com as conexões entre o antigo e o novo, oferecendo mais uma prática que pudesse ser reinventada através de uma suposta ponte entre as tradições e a modernidade, para a legitimação e consolidação do espírito nacional japonês.

Apesar de atualmente a vertente esportiva ser uma espécie de carro-chefe do Karatê, essa prática não emergiu já como um esporte. Existem outras maneiras de concebê-lo e praticá-lo, que remetem a suas tradições marciais, por exemplo. Assim, o que teria levado o Karatê a se modernizar, ser institucionalizado e regulamentado por federações, reconfigurando sua prática e rituais?

O que se chama atualmente de *Karatê* é uma pluralidade de práticas corporais combativas originadas na ilha de Okinawa, derivada de uma prática autóctone denominada *Ti* (手) e, como grande parte das manifestações culturais deste local, foi resultado de influências das práticas vindas dos países vizinhos, especialmente da China. Em seus primórdios, ainda não modernizado, apresentava-se como *Okinawa-te*²⁷ (“mãos” ou “técnicas” de Okinawa) e/ou *Tō-de*²⁸.

Até o início do século XX era ensinado em segredo, para poucas e selecionadas pessoas. Sua popularização iniciou-se com Anko Itosu, quando começa ensinar Karatê nas escolas de Okinawa. Na década de 1920, Gichin Funakoshi, discípulo de Itosu, é incumbido de apresentar a prática no Japão

²⁷ 沖縄手

²⁸ 唐手: “mãos” ou “técnicas” chinesas – o ideograma faz referência especificamente à dinastia Tang. Segundo Tazawa e outros (1985), a “exótica e cosmopolita sociedade chinesa da Dinastia T’ang teve “esmagadora influência sobre o Japão”, de onde veio “a maior parte das importações estrangeiras” (p.3).

continental, onde começa a sofrer mais intensamente os efeitos da modernização. Anos mais tarde, passa por significativas reformulações, inclusive tornando-se modalidade esportiva.

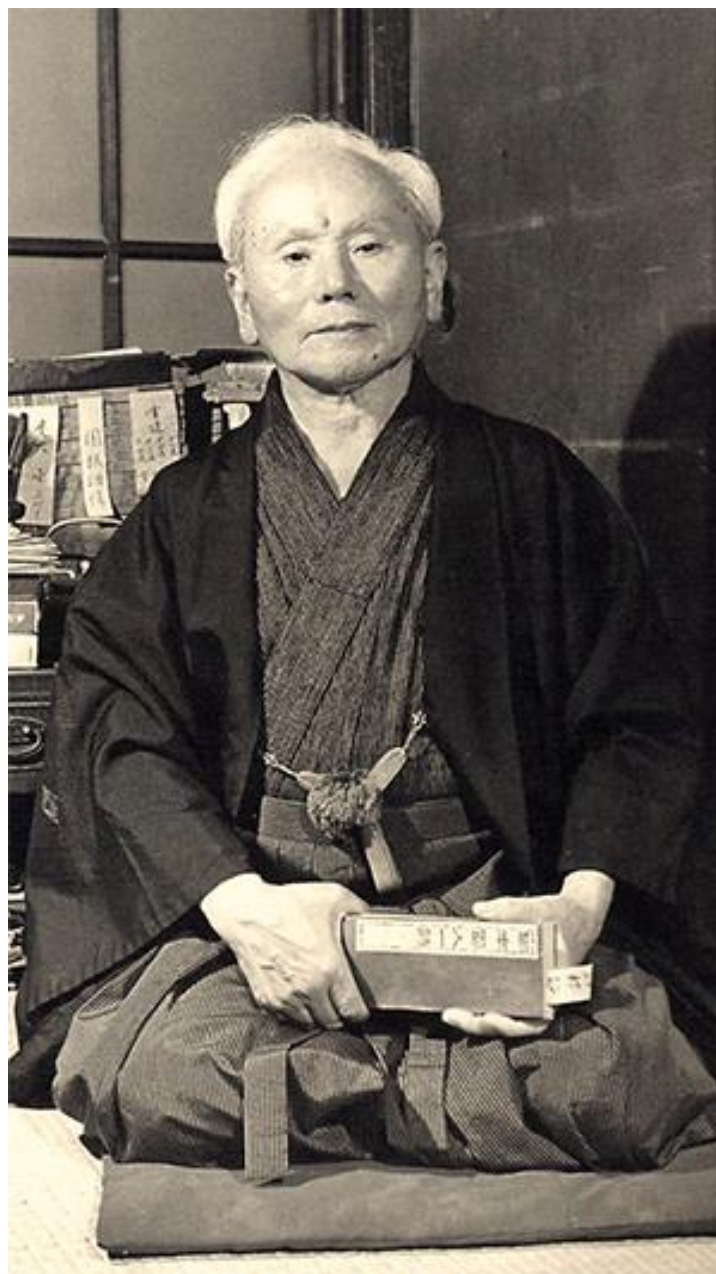


Figura 11: Mestre Gichin Funakoshi

Fonte: <http://www.takahashiDōjō.com/pages/5>. Acesso em 24/12/2016.

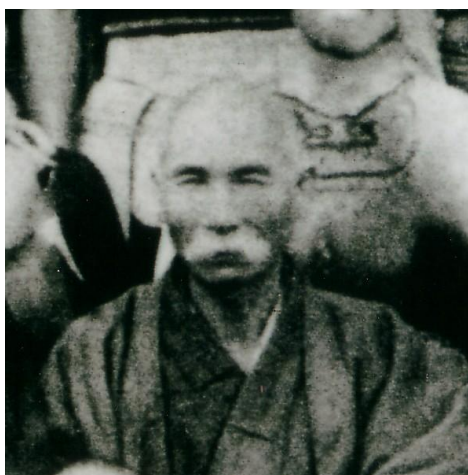


Figura 12: Mestre Yatsutsune (Anko) Itosu

Fonte: http://irkrs.blogspot.com.br/2013_04_01_archive.html. Acesso: 24/12/2016

Recentemente o Karatê alcançou o que poderia ser considerado sua apoteose como esporte sendo incluído como modalidade esportiva nos Jogos Olímpicos. Frente a essa condição, diversos questionamentos são levantados. Seria esse evento uma espécie de nova etapa do Karatê, com novas maneiras de encarar essa prática? O que esperar desses novos caminhos pelos quais o Karatê tem percorrido? Quais seriam os efeitos da inclusão do Karatê nas Olimpíadas? Como foi possível que a prática de Okinawa chegasse ao que é considerado o auge do esporte na modernidade?

A singularidade das práticas corporais depende do contexto em que estas se inserem. Dessa maneira, pergunto: como uma prática autóctone de uma pequena ilha ao sul do Japão tornou-se uma modalidade esportiva, agora olímpica? Além disso, como o corpo também se transformou e continua se transformando com a modernização e as contínuas reconfigurações do Karatê? O recorte histórico que proponho para esta pesquisa é a Restauração Meiji (1868), evento que marca a modernização japonesa, sendo necessário forjar um novo corpo (moderno). Questiono: sob quais demandas os novos corpos deveriam ser forjados pelas tecnologias políticas, no contexto da formação do Estado japonês moderno?

Para além de suas atribuições biológicas, o corpo constitui um campo político de atuação permeado de relações de poder que o marcam, investem, dirigem, supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias e exigem-lhe sinais (FOUCAULT, 1985, p.25). Segundo o autor, os investimentos

políticos do corpo constituem interesses econômicos que permeiam sua força de produção, sob condições de poder e dominação.

Foucault (1987) afirma que mesmo quando a violência ou quaisquer outras formas de força física não são utilizadas, a sujeição do corpo aos mecanismos de poder se dá pela prática de calculadas, organizadas, tecnicamente pensadas e sutis estratégias - o que constitui as “tecnologias políticas do corpo”.

Quer dizer que pode haver um ‘saber’ do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo (FOUCAULT, 1987, p.26).

Para Foucault (1987), buscar entender as tecnologias políticas do corpo é fundamental para compreensão do mundo moderno, que “caracteriza-se pelo surgimento, reelaboração e disseminação de dispositivos disciplinares” (SOUZA, 2006, p.242). Da mesma forma, compreender as tecnologias políticas do corpo que implicaram na modernização do Karate é fundamental para o entendimento não só da referida arte marcial, mas também da sociedade japonesa pós Restauração Meiji, que é fortemente marcada pela cultura ocidental.

O esporte é uma das práticas corporais que chegam ao Japão, associado à modernização. Segundo Elias e Dunning (1992), o esporte é uma “atividade organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes”, (ELIAS e DUNNING, 1992), sob controle da violência e regras que prometem suposta igualdade de condições. Para os autores, o esporte “exige esforços físicos de certo tipo e é disputado de acordo com regras conhecidas, incluindo, onde se revelar apropriado, regras que definem os limites autorizados de força física” (p.232).

Elias e Dunning são pesquisadores que abordam a sociogênese do esporte. Em complemento, segundo a análise crítica e contemporânea de Bracht (2005), o esporte é sempre competitivo; pautado na racionalização do treinamento, busca por recordes e pelo rendimento. Além disso, proporciona o espetáculo, que conduz ao consumo de mercadorias vinculadas à modalidade específica.

Diz o autor:

É importante ressaltar que muitos dos elementos característicos da sociedade moderna, no caso capitalista industrial, vão ser incorporados e/ou estão presentes no esporte: orientação para o rendimento e a competição, a cientificação do treinamento, a organização burocrática, a especialização de papéis, a pedagogização e o nacionalismo – este último sendo central para a expansão do esporte promovida pelo movimento olímpico (BRACHT, 2005, p.100).

Assim, pergunto qual teria sido o papel das reconfigurações do Karatê como esporte e como arte corporal japonesa (*Budô*) no contexto da modernização do Japão e de constituição do Estado japonês.

Importante nome para a modernização do Karatê, Gichin Funakoshi foi o incumbido de levar a referida prática corporal combativa de Okinawa para o Japão continental, onde realiza duas principais apresentações e, em seguida, sob auxílio de Jigoro Kano, criador do Judô e emblemática figura política na época, passa a vincular o Karatê às universidades e demais instituições de ensino.

Jigoro Kano, nascido em 1860, na cidade de Kobe (cerca de 500 Km da capital), foi educado em meio a estrito rigor em escolas de Tokyo. Em 1882 funda seu instituto, denominado *Kodokan*, para ensinar a nova prática corporal combativa que sistematizara, o *Judô*. Foi membro do Comitê Olímpico Internacional e importante entusiasta no fomento do esporte moderno, da Educação Física, bem como das primeiras Olimpíadas realizadas em solo japonês, no ano de 1964.

Jigoro Kano é contemporâneo ao processo de modernização japonês. Tendo empreendido sua formação neste período, Kano foi enviado por sua família a uma escola privada de Estudos Britânicos, na capital japonesa (1873). Quatro anos depois, com a criação da nova Universidade de Tokyo, Kano inicia seus estudos na Faculdade de Letras (STEVENS, 2007, p.16).

Foi justamente neste período, por intermédio de professores estrangeiros, que os japoneses conheceram toda sorte de esportes americanos e europeus. Kano valorizava essas práticas e as legitimava através de argumentos validados por valores educativos associados a elas.



Figura 13: Jigoro Kano ensinando. Ao fundo a inscrição: *Kodokan* - “escola para estudo do Caminho” (KANO, 2008b). Disponível em: http://www.100yearlegacy.org/Kano_Jigoro/. Acesso: 06/06/2017

Inserido neste contexto de mudanças, Kano, um homem de transição entre modernização e tradição, estudou os clássicos chineses e a cultura japonesa com afinco, mas também foi um grande entusiasta em política e sociologia do Ocidente. Era fluente e inclusive escrevia seus diários na língua inglesa.

Kano se apaixonara pelo jujutsu²⁹ e acreditava que ele devia ser preservado como um tesouro cultural japonês; mas também acreditava que ele deveria ser adaptado aos tempos modernos (STEVENS, 2007, p.22).

Para tal, trabalhou numa releitura de um grupo de práticas corporais combativas conhecidas como *jujutsu*, substituindo o ideograma e toda a concepção vinculada ao *jutsu* (術, técnica) por *dō* (道, caminho). Kano, então, denominou sua prática como *Judō Kodokan*. Segundo ele, os métodos de

²⁹ *Jujutsu* é um termo genérico para um conjunto de práticas corporais combativas existentes no Japão pré-moderno que se baseavam no princípio *ju yoko go wo seisu*, cuja ideia central era que o mais fraco poderia se sobrepôr ao forte se não oferecer resistência, através de técnicas e estratégias específicas (KANO, 2008a; KANO 2008b).

ensinamento do *jujutsu* eram “inadequados” e que, além disso, a referida prática era pensada como:

(...) uma técnica em que se fazem coisas perigosas como estrangulamento do oponente, torção de membros ou, mesmo em casos extremos, técnicas mortais. Basicamente, pensamos em algo que causa dano ao corpo e que não traz benefícios” (KANO, 2008a).

Stevens (2007, pp 35 e 36) descreve o que Kano denominou os “Três Elementos do Judô”:

1- “Judô como Educação Física”: segundo o qual o objetivo da Educação Física seria tornar o corpo “forte, útil e saudável”. Daí resultava o princípio denominado *seiryoku zen'yo* (精力善用), “máxima eficiência, mínima energia”, claramente influenciado por princípios utilitaristas modernos dos quais Kano se valia em seus estudos.

2- “Judô como Esporte”, neste item reforça-se que os “movimentos letais estão proibidos” (STEVENS, 2007, p.35), o que dá ao judô predicados do mundo esportivo vigente: a excitação do confronto, agora simbólico, de maneira controlada e “civilizada”, que supera as idiosincrasias, através da regulamentação e codificação específicas locais (MARTINS e ALTMANN, 2007, p.3), fazendo-se possível, então, a difusão mundial da modalidade, já que as particularidades autóctones são colocadas em segundo plano.

3- “Judô como Treinamento Ético”. Kano justificava que os princípios atribuídos ao judô (“diligência, flexibilidade, economia, boas maneiras e comportamento ético”) deveriam transcender a prática combativa em si e agregar-se a aspectos da vida em sociedade – novamente o caráter utilitarista atribuído ao Judô.

O encontro entre Gichin Funakoshi e Jigoro Kano foi decisivo na configuração moderna do Karatê. A legitimação do mestre judoca fez com que a arte de Okinawa assumisse um uniforme identitário para a prática e nivelamento dos praticantes através das faixas (*kyu* e *dan*³⁰). Mas mais importante que isso, o Karatê foi reconhecido como arte marcial japonesa e

³⁰ *Kyu*: graduações abaixo da faixa preta; *Dan*: graduações de faixa preta.

também assumiu discursos e práticas voltadas para a educação sob moldes utilitaristas e esportivos.

FUNAKOSHI E A MODERNIZAÇÃO DO KARATÊ

A Restauração Meiji e eu nascemos no mesmo ano, 1868. A primeira vez que viu a luz do dia na antiga capital do shogun, Edo, que veio a ser conhecida como Tokyo³¹ (FUNAKOSHI, 1985, p.1).

Praticamente 100 anos antes das declarações do presidente da WKF, Antonio Espinós, apresentadas anteriormente, a modernização do Karatê era marcada pelas apresentações realizadas por Gichin Funakoshi em Kyoto e em Tokyo, nos anos 1920. Funakoshi, no prefácio de sua autobiografia, apresenta sua intenção de “refinar” o Karatê com o objetivo de atingir seu “estado de perfeição” (FUNAKOSHI, 1981).

Segundo Figueiredo (1994), o Karatê passou por três momentos de massificação. O primeiro, com a introdução deste no currículo escolar de Okinawa por Anko Itosu, no início do século XIX. Em seguida, com a apresentação realizada por Gichin Funakoshi no Japão continental. O terceiro acontece após a segunda guerra mundial, com a intensificação dos aspectos esportivos da prática.

Anko Itosu (1832 – 1916) foi um dos principais entusiastas à popularização do Karatê. No início dos anos 1900, começou a ensinar a prática nas aulas de educação física das escolas de Okinawa. “A pedagogia de Itosu”, escreve Tokitsu (1994), citado por Figueiredo (1994), “inspirou-se nos métodos de formação dos soldados que o Japão acabava de importar da Europa”. Em contraposição ao ensino tradicional, essa referida didática constituía-se na instrução de numerosos alunos por um instrutor que gritava ordem para cada gesto a executar.

³¹ The Meiji Restoration and I were born in the same year, 1868. The former saw the light of day in the shogun's former capital of Edo, wich came to be know as Tokyo.



Figura 14: Prática de Karatê orientada por Shinpan Gusukuma, em 1938, no pátio do castelo de Shuri, antiga sede do reino Ryukyu. Disponível em: <http://historicaltimes.tumblr.com/post/69799111126/karate-training-with-shinpan-gusukuma-sensei-at>. Acesso em: 02/10/2016

A clássica e emblemática imagem acima é um exemplo do ensino massificado do Karatê, no qual cada sujeito tem seu espaço delimitado, executa os mesmos gestos do grupo, como numa formação de exercício militar. Em frente a um dos importantes símbolos de Okinawa, o Castelo de Shuri, Shinpan Gusukuma conduz uma prática de Karate para cerca de 100 pessoas.

“A ordenação por fileiras, no século XVIII”, segundo Foucault (2014), “começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar” (p. 144). Linhas abaixo, o autor afirma que “a organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações do ensino elementar”.

A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações (FOUCAULT, 2014, p.143).

Segundo Bishop (1999), em 1901 Itosu começa a ensinar Karatê como parte do currículo de Educação Física na *Shuri Jinjo Elementary School*. Itosu promoveu modificações na prática: considerando que eram crianças, removeu as técnicas supostamente perigosas e simplificou os seus e outros *kata* para que pudessem ser facilmente assimilados (p.89).

Em 1908 Itosu escreve uma carta, *Itosu Juukun* (糸洲十訓 – “10 Preceitos de Itosu”), e a encaminha ao *Prefectural Education Department*, justificando a prática do Karatê nas escolas de toda a ilha, “e mais tarde disseminado para o continente japonês, onde acabou por desempenhar um papel essencial no programa militar de doutrinação”³² (ITOSU citado por BISHOP, 1999, p.89).

A carta é escrita em língua japonesa antiga, com termos e ideogramas que não são mais corriqueiramente utilizados na escrita moderna. Pelo que a tradução de Bishop (1999) indica, Itosu deixa claro que os principais benefícios do *Tōde* (ou *Karatê*) são três: saúde, defesa (de si e dos próximos) e tornar o corpo forte para o serviço militar.

O princípio 2 é um exemplo bastante claro nesse sentido:

O propósito do *Tōde* é fazer com que o corpo fique rígido como pedras e ferro; mãos e pés devem ser usados como flechas; corações devem ser fortes e bravos. Se crianças praticassem *Tōde* desde a escola primária, eles podem vir a ser preparados para o serviço militar. Quando Wellington e Napoleão se encontraram, discutiram que “a vitória de amanhã vem do playground de hoje” (ITOSU, citado por BISHOP, 1999, p. 89)³³.

Itosu finaliza a carta afirmando:

A razão para começar tudo isso é que, na minha opinião, todos os alunos do Colégio de Treinamento de Professores da Prefeitura de Okinawa devem praticar *Tōde*, de modo que quando se graduarem, possam ensinar as crianças nas escolas exatamente como eu as ensinei. Dentro de dez anos o *Tōde* espalhará para toda Okinawa e ao continente japonês. Isso será um grande trunfo para a nossa sociedade militarista (*ibidem*, p.90)³⁴.

³² “and later its spread to the Japanese mainland, where it eventually played an essential role in the militaristic indoctrination programe” (ITOSU citado por BISHOP, 1999, p. 89).

³³ The purpose of *Tōde* is to make the body hard like stones and iron; hands and feet should be used like the points of arrows; hearts should be strong and brave. If children were practise *Tōde* from their elementary-school days, they would be well prepared for military service. When Wellington and Napoleon met they discussed the point that ‘tomorrow’s victory will come from today’s playground’ (ITOSU, citado por BISHOP, 1999, p. 89).

³⁴ The reason for starting all this is that it is my opinion that all students at the Okinawa Prefectural Teachers’ Training College should practise *Tōde*, so that when they graduate from here they can teach the children in the schools exactly as I have taught

Segundo Funakoshi (1999, p.27), L Assim, após uma apresentação de Karatê ao Comissário de Educação da Província de Kagoshima, Shintaro Ogawa, mestre Anko Itosu fora convidado por Ogawa, para apresentar o Karatê nas escolas.

Foucault (1987) afirma que na segunda metade do século XVIII,

O soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi 'expulso o camponês' e lhe foi dada a 'fisionomia de soldado' (p.117).

No caso da implantação do Estado nacional japonês, o Karatê parece ter sido um importante instrumento para formação do soldado nos moldes ocidentais. Com esse argumento, Itosu legitima o ensino do Karatê nas escolas de Okinawa e inicia sua popularização.

Nas palavras de Funakoshi:

Com o início da era Meiji (1868 – 1912), o sistema de educação e o sistema de alistamento militar foram inaugurados, e durante o exame físico dos alistados e estudantes, os jovens praticantes de Karatê eram reconhecidos num relance e impressionavam muito os médicos examinadores pelo desenvolvimento bem equilibrado dos membros e pela musculatura bem definida. Então, algum tempo depois, o comissário das escolas públicas, Shintaro Ogawa, recomendou veementemente em um relatório para o ministro da Educação que se incluísse o Karatê no programa de educação física das escolas normais e da Primeira Escola de Ensino Médio da Prefeitura de Okinawa como parte de sua formação. Essa recomendação foi aceita e iniciou-se o ensino do Karatê nessas escolas em 1902 (FUNAKOSHI, 2014, p. 27).

Após Ogawa enviar um relatório descrevendo os “méritos do Karatê” ao Ministério da Educação, fora concedida licença para a inclusão do Karatê nas aulas de Educação Física da Primeira Escola Secundária Pública de Okinawa e

them. Within ten years Tōde will spread all over Okinawa and to the Japanese mainland. This will be a great asset to our militaristic society (*Ibdem*, p. 90).

da Escola de Preparação de Oficiais. Em sua autobiografia, Funakoshi apresenta um sentimento de grande gratidão a Ogawa:

A arte marcial que estudei em segredo quando eu era pobre havia emergido da reclusão e obtivera aprovação do Ministério da Educação. Eu não sabia como expressar minha profunda gratidão a Ogawa, mas determinei que devotaria todo meu tempo e esforço disponíveis para a popularização da arte (FUNAKOSHI, 1985, p.42)³⁵.

O corpo transformado pelo Karatê seria consideravelmente útil para o Estado-nação que estava sendo construído, já que proveria o exército de jovens fortes, por exemplo. Tal sistema teria na educação formal uma fundamental aliada, sendo as instituições de ensino, importantes veículos para a disseminação das práticas que associavam ao Karatê.

Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar (FOUCAULT, 2014, p.144).

No caso da implantação do Estado nacional japonês, o Karatê parece ter sido um importante instrumento para formação do soldado sob moldes ocidentais. Com esse argumento, Itosu legitima o ensino do Karatê nas escolas de Okinawa, altera técnicas, simplificando-as; elabora alguns *kata* com fins didáticos e inicia a popularização da prática.

Itosu foi um dos mestres que mais influenciaram Funakoshi tanto na prática do Karatê quanto aos ideias nacionalistas. Seu modo de pensar a popularização do Karatê foi decisivo no empreendimento de disseminar a prática pelo mundo.

O ensino de Karatê passa, primeiramente com Itosu, a ser massificado. Prática antes ensinada de maneira privada e secreta, na residência dos mestres, adquire caráter pedagógico, fazendo com que os instrutores

³⁵ The martial art that I had studied in secret when I was very poor had at last emerged from seclusion and had even won the approval of the Ministry of Education. I did not know how to express my deep gratitude to Ogawa, but I determined to devote all the time and effort I could spare to the popularization of the art (FUNAKOSHI, 1985, p.42).

lançassem mão de tecnologias disciplinares de ordenamento didático dos corpos e de seriação dos conteúdos a serem transmitidos.

Possivelmente, um dos importantes elementos que validou e proporcionou o entrelaçamento entre o corpo e a ocidentalização do Karatê foi a ginástica, que já vinha sendo objeto de interesse do governo Meiji e acontecendo no país desde os anos 1870. Segundo Duke (2008), a pedido do então diretor do Ministério da Educação japonês, Fujimori Tanaka, um dos pesquisadores que havia saído para missão de estudar os métodos educacionais na Europa e Estados Unidos, o professor e médico George Leland fora enviado pela Universidade de Amherst e contratado pelo Japão como instrutor de ginástica e cultura física.

ZHENG (2007, p.434) corrobora a informação afirmando:

O primeiro programa de calistenia do Japão foi introduzido em 1878 pelo Dr. George Leland, um professor de educação física americano que serviu como diretor do Ministério da Educação japonês. Leland desenvolveu um sistema de “calistenia leve” (*kei taisō*) que foi instituído nas escolas primárias como regime regular de exercício em 1881. A rotina de Leland, entretanto, não permaneceu por longo período. Um decreto de 1886 sobre o ensino primário promoveu “exercícios ao estilo infantaria” o âmago de uma nova “calistenia militar” (*heikishiki taisō*). As reformas foram designadas não somente para “construir corpos fortes”, mas também para “instilar as crianças da nação com virtudes de obediência incondicional ao Estado. No Japão, estudantes serviam como um importante teste populacional para o desenvolvimento de categorias e técnicas de gestão populacional. Como recrutas, eles ofereciam as vantagens de uma cativa população”³⁶.

De “caráter ordenador, disciplinador e metódico”, aparece reformulada sob o viés científico no século XIX como um importante agente de

³⁶ Japan's first programme of calisthenics was introduced in 1878 by George Leland, an American physical educator serving as the director of the Japanese Ministry of Education. Leland developed a system of “light calisthenics” (*kei taisō*) that was instituted in primary schools as the regular exercise regimen in 1881. Leland's routine, however, did not remain in place for long. An 1886 ordinance on primary school education made “infantry-style exercises in rank and file” the core of a new “military calisthenics” (*heikishiki taisō*). The reforms were designed not only to “build stronger bodies” but also to “instil the nation's children with the virtues of unquestioning obedience to the state”. In Japan, students served as an important test population for the development of the categories and techniques of population management. Like military conscripts, they offered the advantages of a captive population (ZHENG, 2007, p.434).

reconfiguração do corpo moderno. Condizente com os “novos códigos de civilidade”, baseados nas ciências biológicas e nas técnicas de adestramento corporal, “como formas específicas de saber” (SOARES, 2002, p.17), a ginástica “científica” utilizava-se de discursos higienistas, eugênicos e nacionalistas para a formação de novos sujeitos.

Em diversas associações de Karatê na atualidade, há sequências ginásticas predeterminadas que antecedem a prática do Karatê propriamente dito. Sequências essas exigidas como requisitos em exames de graduações para *dan*³⁷, inclusive e que parecem ter inspiração na calistenia – série de exercícios localizados com finalidades corretivas e pedagógicas.

Soares (2002) afirma que é mais precisamente no século XIX que se forma “uma pedagogia do gesto e da vontade”, constituída numa, reconhecidamente importante, “educação do corpo” (p.17).

Para Kano (2008), a “finalidade da educação física” é aprender a fazer, de maneira racional, o melhor uso possível do corpo para atingir determinados objetivos. Além disso, “desenvolver um corpo forte e saudável, e treinar esse corpo para que venha a ser útil para a sociedade, ao mesmo tempo que desenvolve a habilidade de cultivar a mente” (p.46).

É dessa ginástica, científica, militar e moderna, que se configura a Educação Física como área de intervenção e estudos sobre o corpo. E é dessa Educação Física, utilitarista, militarista e disciplinadora que possivelmente se servem as legitimações não só para a introdução de sequências de exercícios ginásticos que compõe as sessões de prática de Karatê no Ocidente, mas também para validar a prática sob viés científico e utilitarista.

O Karatê, associado à ginástica, poderia ser considerado um importante instrumento que integraria as tecnologias de poder sobre os sujeitos na medida em que manipularia e moldaria os corpos para interesses de padronização e

³⁷ O termo *Dan* (段), que pode ser traduzido como “nível”, refere-se às graduações acima da faixa preta (1º ao 10º *Dan*). Algumas escolas adotam faixas corais (vermelha e branca) para 7º e 8º *Dan* e vermelha para 9º e 10º. Para graduar-se, o praticante geralmente passa por exame de graduação. Os critérios variam conforme a associação, a federação ou ao *dojo*.

docilização dos indivíduos, tão fundamentais no processo de modernização e constituição do Estado japonês.

Em *The Essence of Karate*, Funakoshi escreve:

Realmente, o Karatê foi originalmente desenvolvido para condicionar a mente e o corpo, cultivando a vitalidade para a criação de competências individuais em benefício de todo o país, também provendo uma “espada que dá vida”³⁸ contra os fora da lei e gangues imprudentes. O florescimento do Karatê se deu em Ryukyu, tendo em toda parte através do nosso país (Japão), tendo dado frutos e, acredito, contribuirá para o lançamento da corrida japonesa no cenário mundial (FUNAKOSHI, 2013, p.103)³⁹.

A história oficial do Japão acontece em períodos bem delimitados de acordo com o clã que se encontra no poder, seja um imperador ou um *shogun* (um líder samurai). A primeira, conhecida como “Taika”, iniciou-se no ano de 645. Ainda hoje essas eras são elementos centrais no calendário japonês. Problematizações decorrentes da Era Meiji constituem o recorte para esta pesquisa porque é quando se dá a modernização japonesa e é no contexto dessa modernização que vai haver a reconfiguração das práticas e quando emergem Funakoshi e Kano.

Segundo Yamashiro (1986, p.240), “a cultura japonesa de Meiji” é uma espécie de híbrido entre a “cultura feudal” e a ocidental, constituindo uma nova cultura, “adequada à sociedade capitalista moderna”.

Com a Restauração Meiji, o imperador volta a ter poder político, após mais de 200 anos de centralização política pelos *shogun* (líderes samurais). Antes Kyoto, Tokyo passa a ser a nova capital. O governo se renova, abolindo

³⁸ Funakoshi refere-se ao termo *katsuninken* ou *katsujinken* (活人剣): a mesma espada que mata pode ser a que salva, dependendo das intenções daquele que a maneja.

³⁹ Ideed, karate was originally developed to condition the mind and body, cultivating vitality toward the creation of competent individuals to benefit the whole of the country while also providing a “life-giving sword” against lawless and foolhardy gangs. The flower of karate that blossomed in Ryukyu, having spread far and wide throughout our country [Japan], has borne fruit and will, I believe, contribute to launching the Japanese race onto the world stage (FUNAKOSHI, 2013, p.103).

o feudalismo e a ciência ocidental é fortalecida no Japão (NITOBE, citado por NUNES, 2012, p.27).

O contemporâneo pesquisador americano da cultura japonesa, Alex Kerr, afirma que quando uma cultura nativa de um país é perdida, uma “nova cultura tradicional” é criada (KERR, 2009, p.29). Há uma espécie de “invenção das tradições”. No caso japonês, aconteceu uma mistura entre antigas e ancestrais maneiras ou hábitos e gostos modernos, numa espécie de mosaico cultural.

Na obra *A Morte Voluntária no Japão*, publicada originalmente em 1984, o escritor francês Maurice Pinguet afirma que a Restauração Meiji foi um “abalo” e não se restringiu somente pelo “restabelecimento da autoridade imperial”, mas sim pela “renovação de toda uma sociedade”.

Reforma? É muito pouco para exprimir tão profundas mudanças. Revolução? Seja, com a condição de conceber (fora de todas as categorias da história ocidental) uma revolução sem ideologia de revolta, sem luta de classes, sem subversão popular. Falemos em vez disso de Renascimento do Meiji. Foi uma primavera, brutal e tempestuosa, cheia de esperança e ansiedade. Tudo se abria, tudo se desatava. Mas as possibilidades que nasciam se destacavam sobre a tristeza das coisas moribundas. Um aspecto da grandeza humana se apagava, e não voltaria nunca mais. Desaparecimento tanto mais pungente quanto aceito (p. 217).

Ou seja, no caso do Japão, não houve uma “revolução” como em sociedades ocidentais (industrial, por exemplo). Havia pressa em modernizar o país. A ordem era o progresso, na intenção de criar um país para o futuro, em detrimento dos ensinamentos budistas, por exemplo, que valorizavam o momento presente. O projeto de unificação é emblematicamente materializado com a construção de estradas de ferro, que aos poucos vão conectando praticamente todo o país.

Em abril de 1868 é publicado o primeiro documento em nome do imperador Meiji, denominado Declaração dos Cinco Artigos, composto por diretrizes para o novo governo. Para Yamashiro (1986), “este importante documento constitui o marco inicial de uma nova era” (p.210). Dentre as diretrizes estão a união das classes para “uma ativa estratégia política”; a satisfação dos interesses das autoridades civis e militares, evitando assim, descontentamentos; “destruir os ‘maus hábitos’ do passado e adotar como

base os costumes seguidos no mundo” e “buscar o saber em todas as partes do mundo” (COGGIOLA, 2008, p.16).

A imposição para abertura dos portos no Japão acontece num período de fragilidade. Havia um grande descontentamento da população para com o *shogun*; significativa queda na arrecadação de impostos e revolta dos camponeses por duas décadas (COGGIOLA, 2008, p.17).

No início dos anos 1870 acontece a abolição dos feudos e “as novas unidades administrativas, em número consideravelmente menor, e com maior área, foram denominadas prefeituras⁴⁰” (COGGIOLA, 2008, p.17). Em seguida, 1873, foi declarada liberdade de religião e serviço militar obrigatório. Poucos anos depois, 1877, adota-se o modelo ocidental democracia liberal, impregnada pela exigência de liberdade individual e acumulação de capital.

Segundo Ortiz (2000), “a nação pressupõe um movimento de integração, uma ‘consciência coletiva’ que envolve os habitantes de um determinado território” (p.46). Em seguida, afirma que “(...) não há ‘nação’ japonesa antes da Revolução Meiji (...). (ORTIZ, 2000, p.47). Ou seja, a partir desse período há uma constante tentativa de “universalização” dos gostos, costumes e hábitos.

A modernização japonesa aconteceu de forma rápida. Mostrou-se necessário “criar uma estrutura que se aproximasse dos padrões ocidentais”. “A introdução e assimilação da ciência e tecnologia ocidentais constituem a base do progresso nipônico de Meiji” (YAMASHIRO, 1986, p.217). Assim, foram necessárias interferências de especialistas estrangeiros em diversas áreas e também com o “envio de estudantes japoneses à Europa e aos EUA, para aprenderem as novas técnicas” (COGGIOLA, 2008, p.16).

Na esfera do pensamento, o confucionismo, o shintoísmo, etc., recebem acerbos críticas como antiquados e ultrapassados. Em seu lugar, surgem o liberalismo, o utilitarismo e outras ideologias modernas (YAMASHIRO, 1986, p. 218).

⁴⁰ Ken (県), “província”.

Ou seja, os modos de pensar e sentir também passam a ser alterados. Há outras concepções biopolíticas⁴¹. Existe um corpo moderno a ser forjado pela disciplina. Um corpo que é submetido a novas tecnologias políticas dos indivíduos, que é educado para servir à pátria e ser útil na indústria. Um corpo que não é mais do campo, da pesca ou do trabalho artesanal, mas da produção em larga escala.

(...) o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais (FOUCAULT, 1987, p.25).

Para Foucault (1987), as “tecnologias políticas do corpo” são constituídas por saberes e controles sobre os corpos, que não são necessariamente violentos, mas também continuam físicos. São calculados, organizados, tecnicamente pensados, sutis e difusos.

Ciências de cunho mecanicista-biológico são grandes aliadas da modernidade na medida em que seus “especialistas” são considerados portadores da “verdade” e configuram o “saber-poder” que legitima comportamentos e tecnologias políticas do corpo.

A configuração atual das práticas corporais combativas japonesas, de uma forma geral, parece resultado de reformulações que procuraram responder às novas exigências políticas, econômicas e culturais dos processos de

⁴¹ Segundo Martins (2006), o termo “biopolítica” é utilizado pela primeira vez durante uma conferência acerca do nascimento da medicina social proferida por Foucault na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 1974. O autor afirma que: “segundo Foucault, a biopolítica caracteriza-se como uma maneira de racionalizar os problemas colocados à prática governamental para os fenômenos próprios a um conjunto de viventes constituídos em população” (p. 6). Para Rabinow e Rose (2006), “podemos usar o termo ‘biopolítica’ para abarcar todas as estratégias específicas e contestações sobre as problematizações da vitalidade humana coletiva, morbidade e mortalidade, sobre as formas de conhecimento, regimes de autoridade e práticas de intervenção que são desejáveis, legítimas e eficazes” (p. 28). Resumidamente, são as atuações políticas sobre os corpos dos sujeitos nas populações. Martins (2009) afirma que “o corpo é uma realidade biopolítica e a medicina, o urbanismo e a demografia são estratégias biopolíticas” (p.188). Segundo o autor, “a biopolítica se caracteriza, a partir do século XVIII, como uma maneira de racionalizar os problemas colocados à prática governamental pelos fenômenos próprios a um conjunto de viventes constituídos em população” (p.196).

modernização e ocidentalização ocorridos no Japão a partir da Restauração Meiji.

Com a modernização, o Karatê se institucionaliza. Recebe o *status* de arte marcial japonesa, *Budô*; tem sua estética reformulada a partir da ginástica, embasada em princípios científicos do treinamento físico, é configurado de maneira a permitir a competição entre os praticantes, na forma de esporte e passa a ser regulamentado por federações.

Gichin Funakoshi é considerado o "pai do Karatê moderno". Conhecido como o eleito que levou a referida arte marcial de Okinawa para o Japão continental. Isso ocorreu em duas ocasiões: em 1922, a convite do imperador Hiroito, que visitara a ilha um ano antes e em 1936, quando Funakoshi se estabelece definitivamente em Tokyo.

Nasceu em Shuri, antiga sede do reino de Ryukyu, em 1868, mesmo ano da Restauração Meiji, marco na ocidentalização do Japão. Descendente de "pequenos nobres" (*shizoku*), Funakoshi foi educado em meio a uma transição política e cultural significativamente intensa. Seu avô lhe ensinou os clássicos chineses de tradição confuciana. Foi impedido de estudar medicina na universidade de Tokyo devido ao uso do tradicional coque, mas abdicou do mesmo quando decidira tornar-se professor, o que resultou num grande mal estar perante sua família.

Na ocasião, havia uma intensa "filosofia de valorização da educação para fins de modernização e unificação nacional", escreve Oda (2011), "e a escola torna-se o principal espaço para difundir esse tipo de ideologia". Mas houve resistência. Pais recusavam que seus filhos estudassem o currículo imposto pelo governo. Consideravam os ensinamentos "inúteis na vida cotidiana" (ODA, 2011, p.113).

A modernização japonesa aconteceu de forma rápida. Mostrou-se necessário "criar uma estrutura que se aproximasse dos padrões ocidentais". "A introdução e assimilação da ciência e tecnologia ocidentais constituem a base do progresso nipônico de Meiji" (YAMASHIRO, 1986, p.217). Assim, foram necessárias interferências de especialistas estrangeiros em diversas áreas e também com o "envio de estudantes japoneses à Europa e aos EUA, para aprenderem as novas técnicas" (COGGIOLA, 2008, p.16).

Ser professor numa época de grande valorização da educação pelo governo implicava em servir adequadamente aos interesses que visavam a consolidação do Estado-nação japonês. Corresponhia em auxiliar na formação de uma identidade nacional, que implicava inclusive na formação de outros corpos, a partir de novas tecnologias políticas do corpo.

Funakoshi afirma em sua autobiografia:

O Japão estava num estado de grande ebulição; mudanças tremendas ocorriam em toda parte, por todos os fatos da vida. Senti que, como professor, eu tinha a obrigação de ajudar a nova geração, que poderia forjar o destino da nação um dia, para preencher lacunas entre o antigo e novo Japão (FUNAKOSHI, 1981, pp. 4 e 5)⁴².

Contrário à vontade de sua família, Funakoshi torna-se professor e assume o discurso de que seu principal objetivo seria contribuir para que as novas gerações não ficassem aquém das exigências que o moderno Japão demandava. Funakoshi afirmava que o Karate deveria se modificar, como praticamente todos os aspectos da vida no país. Continuou, assim, um movimento de "pedagogização" da arte marcial, que já vinha acontecendo em Okinawa.

Funakoshi viveu num momento de reformulações. Okinawa havia sido recém anexada ao território japonês. Com isso, também precisava responder às demandas da modernização pela qual o país vinha passando, após mais de 200 anos fechado às relações com países estrangeiros, durante a Era Tokugawa (1603 - 1868).

Segundo Stevens (2007), há duas hipóteses acerca dos primeiros contatos de Funakoshi com o que mais tarde seria chamado de Karatê: a de que ele teria iniciado na prática aos 11 anos de idade, com Yasutsune Azato. Outra possibilidade apresentada pelo autor é a de que seu primeiro professor

⁴² Japan was the in a state of great ferment; tremendous changes were occurring everywhere, along every facet of life. I felt that I, as a teacher, had an obligation to help our younger generation, which would one day forge the destiny of our nation, to bridge the wide gaps that yawned between the old Japan and the new (FUNAKOSHI, 1981, p. 5).

fora Taitei Kinjo, mas por um curto período de tempo, quando encontra Azato e começa a "treinar seriamente sob a orientação de um professor a quem respeitou e amou" (p.60).

Azato era um entusiasta pelos novos costumes que chegavam do Ocidente e, apesar de sua descendência nobre, não se mostrava preocupado em renunciar seu coque. Era um intelectual, um professor exigente e bastante detalhista na prática dos *kata*. Ensinava Karatê de forma secreta em sua casa, já que a prática era proibida, pois poderia atrapalhar planos do novo governo.

Azato era uma espécie de senhor feudal no reino de Ryukyu. Foi ministro de Estado. Poeta, versado em estudos das culturas japonesa e chinesa. Praticava equitação, arquearia, manjava espadas de madeira, dentre outras habilidades, que, segundo Funakoshi (2013), Azato teria incorporado vários elementos dessas artes marciais ao Karatê que ensinava e praticava (p.51).

Além de Azato, Funakoshi também foi discípulo de outro importante nome, Yatsusune (Anko) Itosu, "também um nobre que havia sido funcionário do antigo governo", segundo Stevens (2007). "Ele se aposentara do serviço público em 1885 e ensinava Karatê em sua casa para alguns poucos alunos selecionados" (p. 61). Itosu era famoso pela sua força. "Sob a orientação de Itosu, Funakoshi levou dez anos para dominar três *kata* básicos" (STEVENS, 2007, p. 62).

Enquanto discípulo de Azato, Funakoshi praticava Karatê tarde da noite, no quintal da casa do mestre, onde se dedicava à prática de *kata*.

Funakoshi relata em sua autobiografia:

Noite após noite, frequentemente no quintal da casa de Azato, sob os olhares do mestre, eu praticava um *kata* ("exercício formal"), repetidas vezes, semana após semana, algumas vezes meses após meses, até eu tê-lo dominado completamente para a satisfação do meu professor. Essa constante repetição de um único *kata* era severa, frequentemente exasperante e humilhante algumas vezes. Mais de uma vez tive de lambear a poeira no chão do Dōjō ou do quintal de Azato. Mas a prática era rígida, e não me era permitido passar para outro *kata* até que Azato estivesse

convencido de que eu havia entendido de maneira satisfatória aquele que eu vinha exercitando (FUNAKOSHI, 1981, p.6)⁴³.

Com o objetivo de dar continuidade à popularização do Karatê, Funakoshi prosseguiu com a tarefa iniciada por Itosu, de "reformulação" e "simplificação" das técnicas, especialmente no que diz respeito aos *kata*, para que o maior número possível de pessoas pudesse praticar e para que a estética corporal fosse melhor compreendida por corpos que não fossem de Okinawa.

Funakoshi (1981) aponta que “o mais importante” é que o Karatê em sua forma esportiva inserida na educação física possa ser simples o suficiente para que possa ser praticado sem dificuldades por todas as pessoas (p.36). Uma de suas metas era ver o Karatê sendo incluído no que ele chama de “educação física universal” e ensinado nas escolas públicas japonesas.

Okinawa foi considerado um estado vassalo do Japão de 1469 a 1879, quando passa a ser oficialmente pertencente ao país, como uma província. Esse contexto histórico e cultural criou no sentimento japonês uma impressão de superioridade social em relação à ilha. Assim, para que fosse aceito no Japão moderno, já que haveria resistências a uma prática que mencionasse China ou Okinawa em seu nome, o *Tō-de* ou *Okinawa-te* teve sua denominação alterada para "Karatê" (“mãos vazias”).

As apresentações realizadas por Gichin Funakoshi, em Kyoto e posteriormente em Tokyo, na década de 1920, foram cruciais à expansão mundial do Karatê. Porém, para sua legitimação na capital japonesa, Funakoshi faz alterações. A começar pelo nome da prática, que não teria boa receptividade se fosse apresentada como *Okinawa-te* ou *Tōde*, já que havia

⁴³ Night after night, often in the backyard of the Azato house as the master looked on, I would practice a *kata* (“formal exercise”) time and again week after week, sometimes month after month, until I had mastered it to my teacher’s satisfaction. This constant repetition of a single *kata* was grueling, often exasperating and on occasion humiliating. More than one I had to lick the dust on the floor of the dojo or in the Azato backyard. But practice was strict, and I never permitted to move on to another *kata* until Azato was convinced that I had satisfactorily understood the one I have been working on (FUNAKOSHI, 1981, p. 6).

grande preconceito contra o que vinha da China ou de Okinawa. Funakoshi, então substitui o ideograma para 空 (*kara*, “vazio”) - alusão ao princípio zen-budista da vacuidade, numa tripla ideia de combate desarmado; de prática isenta de más intenções e, possivelmente, de liberdade em relação à China.

Diz Funakoshi:

Uma vez que percebi que teria sucesso em alterar mãos “chinesas” para mãos “vazias, embarquei em outras tarefas de revisão e simplificação. Na esperança de ver o karate incluído na educação física universal ensinada em nossas escolas públicas, dediquei-me em revisar os kata de modo a simplificá-los o máximo possível. Tempos mudam, o mundo muda, e obviamente as artes marciais devem mudar também. O karate que os estudantes praticam atualmente não é o mesmo karate que era praticado há dez anos, e é bem grande a distância que o separa do karate que aprendi quando criança em Okinawa (FUNAKOSHI, 1981, p.35).

Além dos nomes dos *kata*, cuja origem chinesa ou *uchinaguchi* mostrava-se inadequada, segundo Funakoshi, este prosseguiu revisando e alterando também a estética dos “exercícios formais”, para que pudessem adquirir identidade japonesa.

Os nomes dos kata chegaram até nós de boca em boca. Nomes em uso no passado incluíam Pinan, Sheishan, Naifanchi, Wanshu, Chinto e outros, muitos dos quais possuíam significados ambíguos que resultavam com frequência em equívocos no ensino. Uma vez que o karatê é uma arte marcial japonesa, não há nenhuma razão que justifique a manutenção desses nomes nada familiares e por vezes não muito claros de origem chinesa simplesmente porque sua utilização é antiga. Portanto, mudei os nomes que considerei inadequados após avaliações de natureza figurativa das descrições feitas pelos antigos mestres e os meus próprios estudos a respeito dos kata (FUNAKOSHI, 2014, p. 53).

As transformações propostas por Funakoshi e seus seguidores foram além das nomenclaturas. A prática de modo geral foi consideravelmente alterada. Sendo assim, toda uma identidade das maneiras de praticar, ensinar e conceber o Karatê parecem ter sido recriadas com pretensões políticas, condizentes com a nova condição de Estado-nação.

Em *Karate Kyohan*⁴⁴, Funakoshi conta que houve um período no qual a cultura chinesa estava no “auge no Japão” e que “muitos especialistas em artes marciais viajaram para a China para praticar o boxe chinês”. Assim, a partir dos “novos conhecimentos” obtidos desses contatos,

alteraram a arte marcial existente, denominada Okinawa-te, eliminando seus pontos ruins e acrescentando os bons, e assim transformando-a em uma elegante arte. Pode se especular que eles consideravam o 唐⁴⁵ adequado para um novo nome” (2014, p. 21).

Jigoro Kano, outra fundamental personalidade para a popularização do Karatê, também chama atenção sobre esses “pontos ruins”, que seriam as técnicas supostamente violentas e arcaicas, além dos métodos de ensino, não condizentes com o projeto civilizador. Coggiola (2008) chama atenção para o processo que implica em “destruir os ‘maus hábitos’ do passado e adotar como base os costumes seguidos no mundo” (p.16), quando se refere à nova política cultural advinda da modernização.

Funakoshi escreveu e publicou livros técnicos (manuais, pode-se dizer), outros que abordam princípios morais atribuídos ao Karatê e uma autobiografia. Em *Karate-do Kyohan*, por exemplo, apresenta sequências e descrições minuciosas de cada movimento dos *kata* que escolhera para esmiuçar e padronizar a seu modo.

Assim, a transmissão do Karate, parece então receber outra conotação: passa de uma tradição oral, corporal e bastante particular, quase que espontânea, por um tempo secreta, para a impessoalidade formal da escrita específica e orientada; das esquematizações: da racionalização do gesto e sua estética peculiar e modernizada.

O corpo, através do Karatê modernizado, passa a ser objeto de novas disciplinas, “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo” e que pressupõem sequências de aprendizado organizadas segundo

⁴⁴ 教範: *Kyouhan*, método de ensino.

⁴⁵ A fim de reforçar uma informação já apresentada anteriormente, o ideograma *To*, faz menção à dinastia chinesa *Tang*. No caso do nome da prática, refere-se especificamente à denominação dada pelos habitantes de Okinawa à prática corporal combativa inspirada em métodos chineses de combate.

esquemas analíticos e de complexidade crescente, impondo “sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 1987, p.118).

A disciplina engendra “corpos submissos e exercitados, corpos 'doceis'. Aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (*ibidem*, p.119). No Japão recém-modernizado, os sujeitos deveriam ser moldados; os corpos, disciplinados e as práticas (consideradas ultrapassadas), reformuladas.

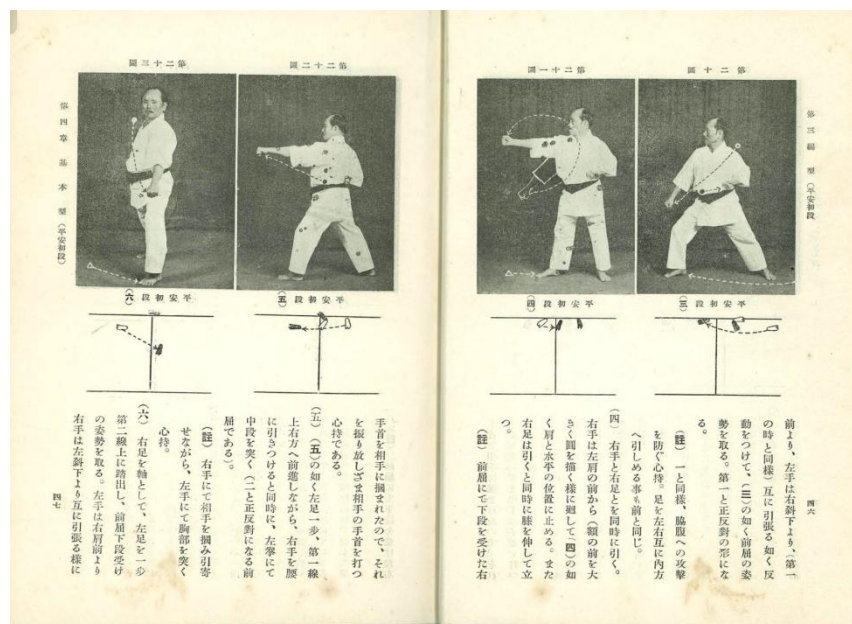


Figura 15: página da obra *Karate Kyohan*, escrita por Gichin Funakoshi.
www.hawaii.edu/asiaref/okinawa/digital_archives/pdfs/funakoshi-kyohon1935.pdf
 Acesso em 30/01/2017

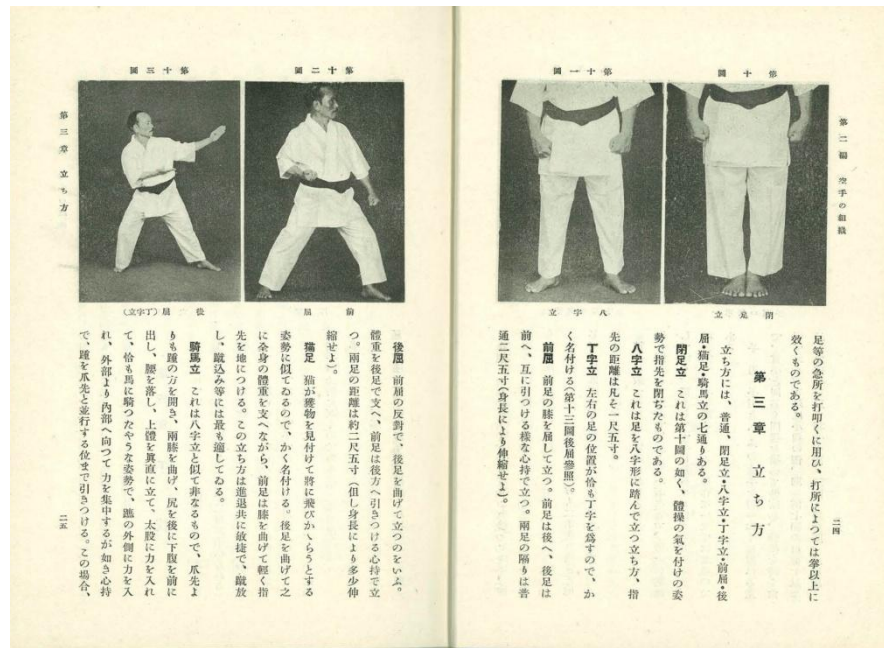


Figura 16: página da obra *Karate Kyohan*, escrita por Gichin Funakoshi.
www.hawaii.edu/asiaref/okinawa/digital_archives/pdfs/funakoshi-kyohon1935.pdf
 Acesso em 30/01/2017

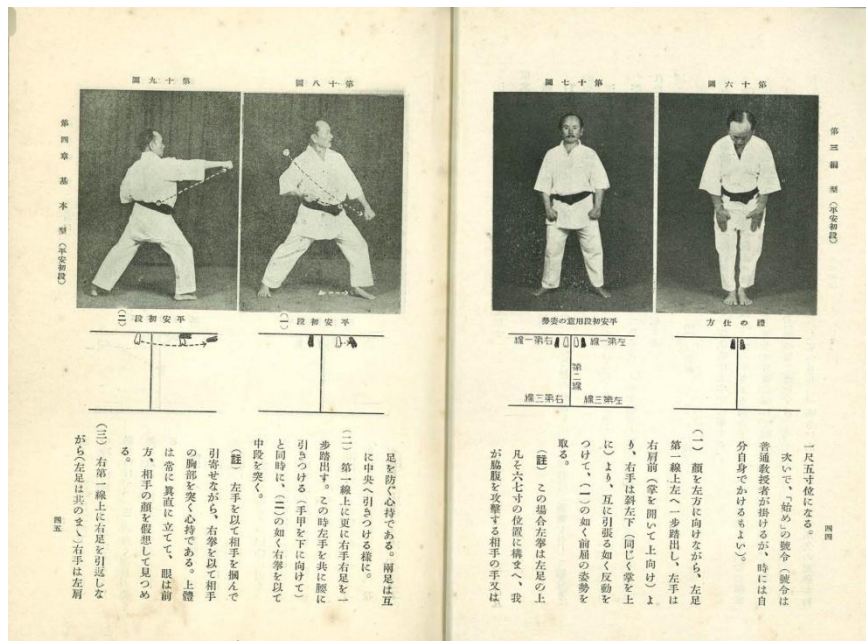


Figura 17: página da obra *Karate Kyohan*, escrita por Gichin Funakoshi.
www.hawaii.edu/asiaref/okinawa/digital_archives/pdfs/funakoshi-kyohon1935.pdf
 Acesso em 30/01/2017

As Figuras 14; 15 e 16 são da edição original de *Karate Kyohan*, publicada em 1935, acessível na página virtual da *University of Hawai'i at Manoa Library*. Nas fotos, o próprio Funakoshi procura esmiuçar cuidadosamente as técnicas, de maneira a apresentar o Karatê didaticamente, para entendimento até mesmo de pessoas leigas.

Na formação do novo Japão o livro exerce maior influência do que qualquer outro fator. Os grandes escritores japoneses contemporâneos são, ao mesmo tempo, os pioneiros da inovação cultural (YAMASHIRO, 1986, p. 242).

O livro socializa. É um importante aliado à modernização e popularização do Karatê pelo mundo. Em suas obras, Funakoshi parece não ter a pretensão de fazer uma história do Karatê. Quando conta de seus mestres, Azato e Itosu, por exemplo, em *Karate-do Nyumon*⁴⁶, refere-se predominantemente a seus feitos e qualidades. Green (2003), citado por Rusak (2009), afirma que as artes marciais normalmente legitimam seus discursos através de histórias folclóricas, lendas ou anedotas constantemente repetidas sobre a vida de mestres ou outras personagens. Dessa maneira, validam regras de comportamento e de disciplina. Segundo Green (2003), o folclore pode convencer mais do que documentos justamente por não ser formalizado, sendo suscetível de alterações de acordo com as necessidades e interesses. Ou seja, é justamente o que Funakoshi parece fazer quando relata em seus livros as proezas dos antigos mestres: buscar nessas histórias um auxílio para elaboração de narrativas legitimadoras em favor do Karatê.

Sua primeira obra, intitulada *Ryukyu Kempo: Karate*, foi publicada em 1922. A obra, como outras de Funakoshi, é praticamente um material didático com fotos do próprio mestre realizando e explicando sequências de alguns *kata*. Com isso Funakoshi deixa transpassar sua preocupação com a popularização do Karatê, já que busca através de publicações, esmiuçar detalhes daquilo que acreditava dever ser padronizado e detalhado, a fim de que todos pudessem compreender e praticar.

⁴⁶ 入門: *nyuumon*, manual, introdução a.

Também pensando na popularização da prática, Funakoshi é considerado o responsável por alterar a denominação, de *Tōde* (唐手) para *Karate* (空手). Vale lembrar que a leitura do primeiro ideograma (唐) também pode ser *kara* e faz menção à dinastia chinesa Tang (618 – 917) e que o significado em *Tōde* (ou *karate*) referia-se diretamente à China. Ou seja, “mãos chinesas”.

(...) há dois caracteres muito diferentes que ambos são pronunciados *kara*: um deles significa “vazio”, e o outro é o caractere chinês que se refere à dinastia Tang e também pode ser traduzido como “chinês” (FUNAKOSHI, 1981, p.33)⁴⁷.

Em sua autobiografia, Funakoshi afirma sua reprovação quanto ao uso do termo “mãos chinesas” para se referir ao Karatê. Junto a membros da Universidade de Keio, o mestre propõe a reformulação da nomenclatura, que passa a utilizar o caractere homônimo *kara*, cujo significado remete ao princípio da vacuidade, caro ao budismo:

(...) achei difícil acreditar que “mãos chinesa (s)” poderia ser o termo correto para descrever o karate de Okinawa como ele evoluiu ao longo dos séculos. Então, poucos anos após eu chegar a Tokyo, tive uma oportunidade de expressar meu desagrado com essa forma tradicional de escrita. Isso aconteceu quando a Universidade de Keio formou um grupo de pesquisa sobre karate, e eu pude sugerir que a arte recebesse o nome de *Dai Nippon Kempo Karate-do* (Grande Caminho Japonês do Método de Punho e das Mãos Vazias), fazendo uso do caractere para “vazio” ao invés do caractere para “chinês” (FUNAKOSHI, 1981, p.34)⁴⁸

⁴⁷ (...) there are two quite different characters that are both pronounced *kara*; one means “empty”, and the other is the Chinese character referring to the Tang dynasty and may be translated “Chinese” (FUNAKOSHI, 1981, p.33).

⁴⁸ (...) I found it difficult to believe that “Chinese hand (s)” was the correct term to describe Okinawan karate as it has evolved over the centuries. Then, a few years after I came to Tokyo, I had an opportunity to express my disagreement with this traditional way of writing. I came about when Keio University formed a karate research group, and I was able then to suggest that the art be renamed *Dai Nippon Kempo Karate-do* (“Great Japan Fist-Method Empty-Hands Way”), making use of the character for “empty” rather than that for “Chinese” (p.34).

Funakoshi (1985) afirma que o sentido de “vazio” em *karate* remete primeiramente ao fato de que não se usa armas, mas o significado vai além: os praticantes têm como meta esvaziar coração e mente de todo desejo e vaidade. Segundo ele, nas afirmações budistas *Shiki-soku-ze-ku* (matéria é vazio - 色即是空) e *Ku-soku-zeshiki* (tudo é vaidade - 空即是色), o caractere *ku* (空), que aparece em ambas, que também pode ser pronunciado como *kara*, é em si mesmo “verdade” (p.35).

Em *Karate-do Kyohan*, Funakoshi afirma que:

(...) assim como um espelho limpo que reflete a imagem sem distorção, ou o vale silencioso que ecoa o som, alguém que estuda o Karatê-do deve eliminar de si o egoísmo e os maus pensamentos, pois apenas alguém com a mente e a consciência limpas pode entender o que recebe. Esse é o outro sentido da palavra *kara* do Karatê-do (FUNAKOSHI, 2014, p.22).

Ou seja, a mudança o nome da prática possivelmente reflete o posicionamento político de Funakoshi e sua preocupação em ser condizente com as condições impostas pela ocidentalização do país. As alterações foram também estéticas, tanto nas maneiras de praticar quanto nas formas de ensinar. A preocupação com a “verdade” e com o “universal” apresentada por Funakoshi acima, parece ser uma constante na época. Jigoro Kano, outra personalidade fundamental na modernização do Karate, também buscava que sua prática, o Judo, fizesse parte de uma “educação física universal”.

A universalidade que almejavam parecia consistir-se em padronizar as práticas e os corpos a ponto de descartar quaisquer idiossincrasias e peculiaridades.

Isso fazia parte de um conjunto de discursos e práticas que buscavam legitimar o Karatê, os quais iam ao encontro de princípios morais vigentes no Japão e que convergiam convenientemente às demandas da modernização. Funakoshi afirmava que o Karatê deveria se modificar, assim como praticamente todos os aspectos da vida no país. Então, deu continuidade ao processo de “pedagogização” da prática, que já havia iniciado com Itosu e Azato.

De uma arte marcial que fora secreta por muito tempo, o Karatê, tal como o Judô, passou então para uma prática massificada e internacionalizada. Para isso, novas configurações foram necessárias: adquiriu características peculiares de movimentos ginásticos europeus⁴⁹ e também do esporte moderno. Com isso, foi pedagogizado de acordo com dispositivos cujos principais objetivos eram a normatização e controle dos corpos. Corpos esses que seriam aliados na validação da identidade nacional e da validação do Karatê como prática corporal japonesa.

Segundo Foucault, a “normalização” dos corpos se faz através da disciplina, que os compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza e os exclui (FOUCAULT, 2014, p.180).

As próprias publicações de Funakoshi se assemelham aos manuais de ginástica dos séculos XVIII e XIX. Apresentam orientações de como praticar, além de fotos e esquemas de posturas e sequências dos *kata*. Funakoshi também assumiu indiretamente⁵⁰ a possibilidade do Karate ser esportivizado, reconfigurando-o de maneira a alterar suas técnicas, reformulando as que poderiam ser consideradas violentas, inclusive.

O mais importante é que o Karate, como um esporte usado na educação física, deve ser simples o suficiente para ser praticado sem dificuldades por todos, jovens e idosos, garotos e garotas, homens e mulheres (FUNAKOSHI, 1981, p.36).

A Funakoshi é atribuído o decisivo papel de arauto da popularização do Karatê pelo mundo. Porém, ele não foi o único a sair de Okinawa e apresentar a prática fora da ilha. Stevens (2007) aponta que, apesar de Funakoshi ser considerado o “pai do karatê moderno”, outros nomes também tiveram influência na expansão da referida arte marcial pelo mundo. Chokki Motobu

⁴⁹ o Movimento Ginástico Europeu caracterizou-se pela sistematização dos gestos corporais com fins nacionalistas, disciplinares, higienistas e eugenistas. Tinham bases médicas e militares.

⁵⁰ Gichin Funakoshi ensinava o que considerava ser o Karatê tradicional, mesmo com suas reformulações. Gigo Funakoshi, seu filho, foi um dos principais entusiastas na reformulação das técnicas com propósito competitivo.

(1871 - 1944), por exemplo, que também fora discípulo de Itosu, estabeleceu-se em Osaka um ano antes da segunda apresentação oficial de Funakoshi. “Motobu era o oposto completo de Funakoshi, em caráter e estilo de karate” (STEVENS, 2007, p. 74). Gostava de brigas, aprendera boa parte de seu “estilo agressivo” informalmente e quase nunca praticava *kata*. Não era esse tipo de Karatê, rude, desvinculado de narrativas morais e de difícil domesticação, que interessava às tecnologias políticas do corpo engendradas pela modernização. Interessava à modernização um representante condizente com os ideais almejados: Funakoshi era professor e, segundo Yamashiro (1986), a educação era “o fator mais importante e de maior alcance para a difusão e elevação cultural do povo nipônico” para o governo Meiji (YAMASHIRO, 1986, p.241).

O autor prossegue afirmando que na época existia “uma tradição e uma atitude do povo favorável ao esforço da alfabetização universal” (YAMASHIRO, 1986, p. 241).

Funakoshi afirma:

visto que o karatê está sempre evoluindo, não é mais possível falar, a um só tempo, do karatê de hoje e do karatê de uma década atrás. Nessa linha de raciocínio, é ainda menor o número dos que percebem que, atualmente em Tóquio, o karatê é quase completamente diferente na forma do que era inicialmente praticado em Okinawa (1999, p.11)

Jigoro Kano, personagem que ajudou a estabelecer uma essencial conexão entre o Karatê trazido de Okinawa, convidando Funakoshi a se apresentar em seu já renomado instituto, por exemplo, estabelecia severas críticas às maneiras tradicionais de ensino. Segundo ele, os métodos eram “inadequados” (KANO, 2008, p.21)⁵¹:

A política educacional do passado era não ensinar a teoria no início para que depois os alunos praticassem as aplicações. Em vez disso, os instrutores ensinavam aos alunos as técnicas que haviam aprendido durante seu próprio aprendizado e esses pupilos passavam essas técnicas a seus alunos. Portanto, o princípio básico que serviria como objetivo principal do ensino não era claro (KANO, 2008, p.31).

⁵¹ A obra citada é um apanhado de escritos que Jigoro Kano (1860 – 1938) produziu ao longo de mais de 50 anos, compilado por Naoki Murata.

Sua crítica principal era quanto a falta de explicações objetivas sobre as técnicas. Na obra citada, Kano apresenta um exemplo de orientação que teve de um de seus mestres, que para ensinar uma técnica de queda, projetava o discípulo inúmeras vezes ao chão. Kano ansiava pela detalhada e minuciosa explicação, coisa que o mestre não oferecia. Escreve Kano:

Na Kodokan, estudamos e praticamos técnicas com propósito de usar a energia mental e física da maneira mais eficiente possível para atingir objetivos, não importa quais sejam – eis o princípio básico do judô. Portanto, as pessoas que passam por treinamento não imitam meramente as ações do mestre nem praticam sem compreender as razões por trás do que estão fazendo; elas estudam os métodos e treinam de acordo com princípios detalhados. Por essa razão, o que antes levava cinco ou seis anos para ser aprendido, agora é atingido em três anos (KANO, 2008, p.32).

Certamente Kano iria reprovar piamente a maneira que Miyagi adotara para ensinar Daniel, em *Karate Kid*, por exemplo. O filme marca, quase que de maneira caricata, as diferenças de ensino e prática entre o Karatê que acontece num *dojo* sob pressupostos modernizados e as maneiras pouco convencionais dos olhos modernos que o Sr. Miyagi adota para ensinar Daniel: pintando cercas, lixando o assoalho, lavando e encerando carros etc, de maneira a estabelecer, posteriormente, vínculos orgânicos entre atividades cotidianas e a prática do Karatê, tal como acontecia, e ainda resiste em Okinawa.

Fortemente influenciado pelo pensamento ocidental, Kano estabeleceu um movimento de “pedagogização”, materializado no instituto que fundou para o ensino de sua prática corporal combativa, o Judo Kodokan. Como lemas, Kano escolheu: “máxima eficiência com mínimo esforço” (*seiryoku-zenyo* - 精力善用) e “progresso mútuo” (*jita-kyoei* - 自他共栄).

Na Kodokan, estudamos e praticamos técnicas com o propósito de usar a energia mental e física da maneira mais eficiente possível para atingir objetivos, não importa quais sejam - eis o princípio básico do judô. Portanto, as pessoas que passam por treinamento não imitam meramente as ações do mestre nem praticam sem compreender as razões por trás do que estão fazendo; elas estudam os métodos e treinam de acordo com princípios detalhados. Por essa razão, o que antes levava cinco ou seis anos para ser aprendido, agora é atingido em três anos (KANO, 2008, p.32).

Murata (2005) afirma que o Judo foi a primeira das artes marciais modernas (p.40). Segundo ele, Jigoro Kano buscava algo que trouxesse benefícios à sociedade japonesa e também que estivesse de acordo com as demandas internacionais. Ou seja, algo peculiar, mas que ao mesmo tempo tivesse códigos e regulamentações possíveis de serem compreendidos pelos corpos ocidentais. Algo híbrido e, com esse hibridismo, acreditando-se possível uma espécie de “universalização” da prática.

A influência de Kano no desenvolvimento do Karatê moderno foi decisiva. Na ocasião da apresentação de Funakoshi no Japão continental, o Judô Kodokan, fundado em 1882, já se apresentava muito bem consolidado e respeitado perante às autoridades e população. Além disso, Kano já havia alcançado cargos de alta representatividade, como no Ministério da Educação, por exemplo. Inclusive foi responsável pela introdução do programa de educação física no sistema escolar japonês, a partir do pensamento utilitarista e funcional vindo do Ocidente (VILLAMÓN e BROUSSE, 1999 p. 114).

Funakoshi (1981, p.69) relata que logo após ter se apresentado em Tokyo, sua intenção era voltar imediatamente a Okinawa. Porém, Jigoro Kano solicitou que fizesse uma breve palestra sobre Karatê em seu instituto, denominado Kodokan. Após a apresentação, o representante do Judo teria solicitado a Funakoshi que ensinasse alguns *kata* básicos a ele.

O fato de ser professor, num contexto de grande valorização da educação, e também o encontro com Jigoro Kano são elementos cruciais na escolha de Funakoshi como sendo o nome que daria paternidade ao Karatê moderno.

Segundo Figueiredo (1994),

Sendo membro da Câmara dos Pares, com responsabilidades no ministério da educação e tendo sido condecorado com a Ordem de Mérito que, instituída pelo governo Japonês, era uma das mais altas distinções do estado, Jigoro Kano tinha uma posição hierárquica bem superior à do mais alto dignitário de Okinawa. O seu interesse eclético pelo Karatê influenciou de forma marcante a direcção do seu desenvolvimento moderno que os Mestres de Okinawa passaram a protagonizar de forma coordenada. Houve, assim, uma influência "externa" que lançou um objectivo comum a todos eles: tornar a "arte de Okinawa" um Budô.

Budō é comumente o termo em japonês equivalente ao conceito “arte marcial”. Em Reid & Croucher (2003, p.12), encontra-se que a expressão “arte marcial” fora utilizado pela primeira vez em 1357, pelo escritor e poeta inglês Geoffrey Chaucer, para se referir aos torneios medievais europeus. Draeger (2007, p.19) aponta diferenças entre *bujutsu* (“artes marciais”) e *Budō* (caminhos marciais). Segundo o autor, *bujutsu* são sistemas combativos criados por e para guerreiros para proteção de si próprios e também para defesa de uma comunidade. Já *Budō* são “sistemas espirituais” e morais, não necessariamente desenvolvidos por guerreiros e para guerreiros com fins de autodefesa.

Para Tokitsu (2012),

O caminho, para os japoneses, é relacionado com a vida inteira da pessoa. A noção de *Budō* envolve o esforço para o aprimoramento de si mesmo, o que quer dizer o aprimoramento do ser em sua totalidade, por meio da prática das artes marciais. Essa expressão é compreensível para os ocidentais, mas eles não atribuem o mesmo significado que os japoneses (p. 35).

Jutsu (術) designa o significado de “técnica” como “arte”. Alguns autores, como Draeger (2007), por exemplo, fazem distinção entre os termos “técnicas” ou “artes” marciais e “caminhos” (道 - *Dō*) marciais. Foi atribuído ao termo *jutsu* uma conotação menor, como “algo secundário”, ou como algo perigoso, “que causa dano ao corpo e que não traz benefícios” (KANO, 2008, p.20), como se fosse desprovido de uma ética e estética específicas, cultivadas pela classe guerreira japonesa, os samurais, que existiu no continente nipônico por séculos.

Nakamura (2007), no capítulo *Do to ningen keisei* (道と人間形成), ou “Dō e a formação humana”, afirma que o ideograma *Dō* (道, também lido como *michi*) é formado por 首 (Kubi, pescoço) e pelo radical denominado *shinnyō* (辵), cujo significado é “seguir adiante”. A idéia geral do *kanji* está presente em diversas manifestações da cultura japonesa, como o *chadō* (茶道, cerimônia do chá), *kadō* (華道 arranjos florais), *shodo* (caligrafia), dentre outras,

inclusive *Budō*. A tradução mais próxima de seu sentido em japonês é "caminho".

Segundo o autor, para a aprendizagem desses "caminhos" citados, primeiro é coerente seguir pelas trilhas já traçadas pelos *senjin* (先人), "pessoas que vieram primeiro". Ou seja, os professores e mestres. O início, então, consiste em seguir à risca as orientações e imitar os mestres em seus gestos e atitudes. Com isso, escolher, criar e prosseguir pelo próprio caminho (NAKAMURA, 2007).

As manifestações da cultura japonesas orientadas pelo Dō valorizam primeiramente o processo em si. Percorrer um caminho é mais importante do que o próprio resultado. O aprendizado deve ser como uma fonte com água corrente, que nunca está parada e sempre se renova.

Seria bastante equivocado pensar que a diferença básica existente entre os conceitos *Jutsu* e *Dō* se resume em imaginar que o primeiro é essencialmente técnico e segundo aponta para uma dimensão que contempla elementos dos preceitos morais vindos das principais linhas de pensamento correntes no Japão e que foram reconfiguradas com a modernização do país.

Ao que parece, as diferenças entre as referidas terminações está na dimensão letal ou não das práticas. Resumidamente, as artes conhecidas como *bujutsu* desenvolveram-se durante o longo período em que a casta samurai existiu. *Dō* refere-se ao momento que em não é mais necessário combater. São as representações dos combates, das batalhas. É a reconfiguração das técnicas marciais acessível a não guerreiros, pessoas comuns.

Segundo Sadami (2005), o *bujutsu* passou a ser conhecido, de forma geral, como *Budō* ao longo da era Taisho (1912-1926), logo após Meiji. Ou seja, *Budō* é um conceito moderno que confere às práticas corporais combativas japonesas um *status* de moralidade condizente com valores trazidos com a modernização. Seria uma tentativa de estabelecer uma leitura das tradições sob lentes ocidentais, uma intersecção entre as correntes de pensamento vigentes no Japão (budismo, confucionismo, taoismo e xintoísmo) e princípios que vão consolidar o Estado japonês.

O Karatê não emerge como uma forma de *bujutsu* ou *Budô*, visto que Okinawa não contava com essas classificações para suas práticas corporais combativas. É com a modernização que o Karatê passa a ser considerado também como *Budô*, assumindo as narrativas, as atribuições e o embasamento teórico que se consolidam como princípios de práticas morais. Recebe o sufixo *Dō*: “Karatê-dō” e, conseqüentemente, ao considerar o Karatê como um *Budô*, legitima-se sua identidade como prática japonesa.

A institucionalização do Karatê passa ser uma das buscas pela “verdade”, que padroniza comportamentos e sensibilidades através de tecnologias políticas do corpo, o que é validado pelo “saber-poder” das ciências de viés mecanicista-biológico.

Um dos discípulos diretos de Funakoshi, que influenciou consideravelmente o Karatê moderno, inclusive com a série de livros “O Melhor do Karate”, Masatoshi Nakayama (1999), afirma que é necessária prática regular, “com o máximo de concentração e esforço na execução de cada movimento” e acrescenta:

Isso, porém, não bastará se as técnicas não forem cientificamente perfeitas e o treinamento não for sistemático e regular. Para ser eficaz, o treinamento tem de ser feito com base em princípios físicos e fisiológicos corretos (p. 48).

“Máxima eficiência, mínimo esforço” – um dos lemas de Jigoro Kano. Assim, no Karate moderno, as técnicas devem ser aprendidas sem maiores “perdas de tempo e energia”. Para isso, a pedagogia moderna adquire importância. Abe (2005), por exemplo, conta que em sua experiência com a prática de *kendo* na Alemanha, percebeu que as técnicas eram divididas em vários pequenos movimentos e os praticantes repetiam tais gestos - a fragmentação do corpo com justificativa didática de otimização do gesto. É um dos processos a que se refere Foucault (2014) de decomposição do tempo e espaço, a fim de capitalizá-los ao máximo. As técnicas são decompostas em sequências, separadas e ajustadas, ensinadas sucessivamente (p.155).

Além disso, Elias e Dunning (1992) afirmam que com a modernização, o “limiar de sensibilidade” (p. 202) se transforma. Segundo os autores, nas

sociedades antigas o nível de reação à violência física era diferente em relação à atualidade. Com isso, as práticas guerreiras modernizadas assumem caráter mimético, de representação, em forma de esporte. “A monopolização relativamente firme, estável e impessoal e o controle dos meios de violência é um dos traços centrais dos Estados-nações contemporâneos” (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 196).

A rigor, o conceito de Esporte é muito diferente do que se vincula no senso comum. Muitas vezes qualquer prática corporal é equivocadamente assim considerada. De maneira breve, o Esporte é um fenômeno social configurado na Inglaterra em fins do século XVIII e início do XIX, numa tentativa de “busca da excitação” de maneira “civilizada”, através de uma proposta corporal essencialmente competitiva, com regras padronizadas e oficializadas por uma federação.

O *kata* executado por Usami, descrita anteriormente, por exemplo, produz o que Elias (1992, p.82) chama de excitação emocional controlada, agradável ao público, que denuncia pela força, convicção e duração de seus aplausos sua comoção e possível catarse em acompanhar a japonesa em sua performance.

“Sem o elemento hedonista do ‘entusiasmo’ da excitação, produzida pela música, e pelo drama, nenhuma catarse é possível”, afirmam Elias e Dunning (1992, p.122). Pois a execução de Usami, é dramática. Há uma construção performática em torno da expressão corporal, do olhar, da apresentação das vestimentas⁵² etc.

Segundo Martins e Altmann (2007),

A ruptura entre esporte moderno e jogos tradicionais se dá por uma progressiva autonomização do campo esportivo em relação aos outros campos (campo religioso, ritual, etc). Tal ruptura se expressa na

⁵² Geralmente os competidores de *kata* usam um traje de tecido mais espesso, que parece destacar melhor os movimentos, inclusive produzindo um som quando da contração impactante dos gestos (em alguns casos o competidor “rouba”, ou seja, de maneira supostamente discreta bate em si mesmo para simular o ruído produzido por golpes potentes).

constituição de tempos e espaços específicos próprios às práticas esportivas (campos, estádios, ginásios, velódromos, etc), em oposição aos jogos tradicionais instalados nos espaços ordinários das atividades cotidianas, subtraídos temporariamente de suas ocupações corriqueiras (p.2).

O mesmo acontece com o Karatê quando se institucionaliza. Passa primeiramente a ser ensinado e praticado nas escolas e universidades para, em seguida, ser reconfigurado em esporte e acontecer também nos ginásios, em oposição à forma como acontecia em Okinawa antes da Restauração Meiji, “instalado nos espaços ordinários das atividades cotidianas” (MARTINS e ALTMAN, 2007, p.2).

Segundo Bourdieu (2003), a passagem do jogo ao desporto aconteceu nas

grandes escolas reservadas às “elites” – *public schools* inglesas onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram um certo número de *jogos populares*, quer dizer vulgares, fazendo-os sofrer uma transformação de sentido (...) (p. 185).

Para o autor, a autonomização do campo das práticas desportivas implica num processo de *racionalização*, que garante a “previsibilidade e a calculabilidade, para além das diferenças e dos particularismos (...)” (p.186).

Elias (2011) aponta que um dos principais traços da constituição dos Estados é o “monopólio da força física” (p. 15), resultado que o autor chama de “processo civilizador” no qual há “uma mudança muito específica nos sentimentos de vergonha e delicadeza. Muda o padrão do que a sociedade exige e proíbe” (p. 14).

Para o autor,

(...) uma fase fundamental do processo civilizador foi concluída no exato momento em que a *consciência* de civilização, a consciência da superioridade de seu próprio comportamento e sua corporificação na ciência, tecnologia ou arte começaram a se espalhar por todas as nações do Ocidente (ELIAS, 2011, p. 61).

Essa consciência de uma suposta superioridade fez com que as sociedades que não passaram pelos mesmos processos civilizatórios, como a japonesa, no caso, fossem tidas como obsoletas ou violentas, necessitadas de

intervenções culturais e políticas, numa crença de que era preciso “instruir o Oriente (para seu próprio benefício) nos modos do Ocidente moderno”. Dessa forma, era necessário “formular o Oriente, dar-lhe forma, identidade, definição com pleno reconhecimento de seu lugar na memória, sua importância para a estratégia imperial e seu papel ‘natural’ como apêndice da Europa” (SAID, 2007, p.130).

O esporte aparece, então, como fundamental configuração de prática corporal, já que se constitui numa “atividade organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes”, (ELIAS e DUNNING, 1992), sob controle da violência e regras que prometem igualdade de condições. Para os autores, o esporte “exige esforços físicos de certo tipo e é disputado de acordo com regras conhecidas, incluindo, onde se revelar apropriado, regras que definem os limites autorizados de força física” (p.232).

O processo de esportivização das práticas redefine as maneiras como acontecem. No caso do Karatê, foi necessário estabelecer a possibilidade de confronto entre os praticantes, sem que os mesmos se provocassem danos, proporcionando que a referida arte marcial assumisse características que remetiam ao pugilismo para que o combate acontecesse.

Importante ressaltar que em Okinawa o Karatê restringia-se à prática de *kata* e suas possíveis interpretações (*bunkai*). No Japão moderno, a pedido de estudantes que conheciam *judo* e *kendo*, Funakoshi introduziu o combate dois a dois. Para tal, um grande número de técnicas de torções e agarramentos, por exemplo, ficaram de fora e outras foram adaptadas para que os confrontos fossem possíveis.

Elias e Dunning (1992), ao exemplificarem o “aumento da sensibilidade em relação à violência”, citam o caso do boxe e mostram que o “aumento da sensibilidade revela-se pela introdução das luvas e, com o tempo, pelo acolchoamento destas”, bem como pela “introdução de várias categorias”, na busca de um “nível superior de igualdade de oportunidades” (p.42).

Em nossa sociedade, o combate é muitas vezes disfarçado sob a forma de disciplinas com objetivos educacionais ou utilitários. Se compararmos a técnica de combate à lâmina de uma espada, dependendo do contexto no qual a disciplina será usada, essa lâmina deve receber uma variedade de coberturas protetoras para abrandar a qualidade de corte de seu gume.

Para aplicações militares ou policiais, a lâmina só precisa ser recoberta com um tecido fino, mas para fins esportivos ou de educação física, a lâmina precisa ser cuidadosamente colocada em diversas bainhas, que às vezes são decoradas com bandeiras nacionais ou cortes que correspondem a diversos valores sociais.

Atualmente, a relação entre a lâmina e suas coberturas protetoras é problemática, uma vez que qualquer pessoa pode aprender a técnica de combater por meio de uma variedade de disciplinas (TOKITSU, 2012, p. 11).

Acima, Tokitsu (2012) apresenta de maneira geral, mas não menos contundente, o que julga representar as artes marciais na modernidade. São práticas que perderam o “ferrão”, pois o que está na essência das artes marciais, sua dimensão letal, foi civilizado. Em suas versões esportivizadas ou nas manifestações ascéticas (*Budô*), assumem caráter mimético: “despertam medo e compaixão ou ciúme e ódio por simpatia com os outros, mas de uma maneira que não é perturbante e perigosa” (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 124). Em resumo, essas práticas têm sua letalidade eufemizada.

Como “artes marciais”, reconfiguram-se numa estética particular. Assumem o caráter “imitativo”, das representações, dos gestos antes empregados em combates reais e que passam a ser encarados de maneira essencialmente simbólica. Não havendo mais necessidade e nem aceitação para as batalhas corpo a corpo propriamente ditas, frente o processo civilizatório, as artes marciais constituem-se de novas configurações que imitam, representam e estilizam os gestos combativos.

O esporte, como representação civilizada de guerra, por exemplo, mimetiza situações de embate, de confronto, e com isso pode levar a catarses. Diz Elias (1992):

O quadro do desporto, como o de muitas outras actividades de lazer, destina-se a movimentar, a estimular as emoções, a evocar tensões sob a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada, sem riscos e tensões habitualmente relacionadas com o excitação de outras situações da vida, uma excitação mimética que pode ser apreciada e que pode ter um efeito libertador, catártico, mesmo se a ressonância emocional ligada ao desígnio imaginário contiver, como habitualmente acontece, elementos de ansiedade, medo – ou desespero (p.79).

O Karatê esportivo atual acontece sob diversos tipos de proteções. São eles: luvas e caneleiras acolchoadas (incluindo proteção no peito dos pés),

protetor bucal e torácico. Além disso, há proteções não obrigatórias, como coquilhas (para genitais), capacetes e aquelas que vão além do corpo: as condições do espaço/ambiente onde a competição acontece. “As peças dos tatames devem ser antiderrapantes na superfície de contato com o solo, e ao contrário têm que ter um baixo coeficiente de fricção na superfície superior” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE KARATÊ). O apreço pela segurança dos competidores é uma constante - a perda do "ferrão", a espada sem corte, como pontuou Tokitsu, citado anteriormente.



Figura 18 : Robson Maciel e Laerte Ferraz. Campeonato Paulista de 1989

O piso é de madeira e não se usa proteções.

Fonte : <http://robsonmaciel.blogspot.com.br/search?updated-min=2013-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2014-01-01T00:00:00-08:00&max-results=50>. Acesso em 07/11/2016



Figura 19: A competição de Karate segundo as regras atuais da WKF : cuidadosas proteções e delicadas tecnologias para registro dos movimentos. Fonte :

<http://www.karatenerd.com.br/2013/04/kumite-o-terceiro-pilar.html>. Acesso em 07/11/2016

Em tais exigências há grande gama de tecnologias envolvidas. É recorrente no regulamento a condição “aprovado pela WKF”. A chancela garante a padronização e a validação da técnica utilizada para confecção do material utilizado. “Todo equipamento de proteção deve ser homologado pela WKF”, diz o regulamento (WKF, 2017, p.7). As vestimentas, inclusive, trazem acima da etiqueta a chancela da federação. Vide Figura 19:



Figura 20: Exemplo de homologação da WKF em vestimentas.

<http://wkf.net/karateprotections/img/karateguis/2karategui.jpg>

Acesso em 31/01/2017

A exigência de trajes específicos e equipamentos de proteção homologados, além de assegurar suposta segurança dos competidores, estabelece condições para a prática, já que uniformiza, promovendo sensação de identificação e pertencimento, bem como um mercado específico. As roupas são “marcadores de uma das formas mais visíveis de consumo”, afirma Soares (2011). Além disso, “atestam e revelam claramente o aumento do padrão de vida de uma dada sociedade e de um período e fazem parte de uma esfera mais leve da vida, ligada ao supérfluo” (p.84).

A autora também afirma que

as roupas utilizadas com especificidade nas práticas corporais e esportivas constituem-se como resultado de uma especialização de discursos sobre a educação do corpo e suas *performances* (...) (SOARES, 2011, p.86).

A vestimenta no Karatê é configurada sob influência de Jigoro Kano. Blusa, calça e faixa são inspirações vindas do Judô. Com o decorrer do tempo, os cortes e os tecidos vão mudando e o *karategi* aos poucos se configura de maneira peculiar. Nos campeonatos, inclusive, os competidores costumam usar tipos específicos de uniformes: um mais grosso, feito geralmente de lona, lembrando uma armadura, para competições de *kata* e um traje mais leve, largo e longo, confeccionado geralmente em tecido de poliéster e/ou algodão, para maior liberdade dos movimentos durante o *kumite*.

Ou seja, as proteções e supostas necessidades de diferenciar a vestimenta para as duas principais formas de disputa nos campeonatos de Karatê (*kata* e *kumite*) fazem com que sejam criadas demandas e mercado para consumo de produtos específicos, continuamente criados e recriados pela e para a modernização.

O Karatê na atualidade é meio de vida para muitos professores, que contam com a referida prática como profissão e parece ser um rentável negócio para alguns, já que são cobradas, além das mensalidades regulares, taxas para exames de graduação. Além disso, os constantes torneios promovidos pelas federações, cooperativas ou associações representam maneiras de motivar os praticantes, principalmente as crianças, a frequentarem as aulas de

Karatê e serem, quem sabe um dia, “campeões”, ou simplesmente “disciplinados,obedientes e úteis à sociedade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho procurei apresentar problemáticas envolvidas na modernização do Karatê e as tecnologias políticas do corpo atreladas ao processo. Para tal, o recorte histórico escolhido para a investigação foi a Restauração Meiji (1868), acontecimento que marca o início da modernização japonesa, e suas implicações nas reconfigurações pelas quais passou a referida prática corporal combativa.

Nesse movimento, a importância e influências de Gichin Funakoshi na reformulação estética e conceitual que constituíram o Karatê moderno foram um dos temas centrais da pesquisa. A coincidência entre o ano de seu nascimento e a Restauração Meiji pode ser considerado emblemático símbolo da transição entre o Japão antigo e moderno e também entre práticas corporais combativas que aconteciam em Okinawa e o Karatê propriamente dito.

Combinado com pesquisas bibliográficas e documentais, relatos de inspiração etnográfica procuraram embasar o trabalho, na medida em que minha experiência de quase 30 anos no Karatê, inclusive em Okinawa, trouxeram à tona questionamentos frente aos discursos que legitimam a prática da arte marcial na modernidade.

O Karatê moderno é resultado de práticas discursivas e não discursivas que emergem com a Restauração Meiji e consequente ocidentalização. Seus propulsores foram pessoas forjadas pela época e por isso influentes: Gichin Funakoshi e Jigoro Kano, principalmente, cujos papéis iam ao encontro de demandas sociais pelas quais passava o país: a constante busca por uma identidade nacional e o estabelecimento do Japão como um Estado-nação.

Comumente se diz que Funakoshi trabalhou numa releitura de um grupo de práticas corporais combativas que ocorriam em Okinawa, substituindo os ideogramas e muitos dos elementos estéticos que pudessem fazer menção à China e Okinawa: Tōde e Okinawa-te por *karate*. Porém, Funakoshi auxiliou significativamente na invenção uma nova e híbrida prática corporal combativa que agregava elementos de suas configurações vindas de Okinawa e de práticas ocidentais modernas, especialmente o esporte e a ginástica.

Um século após a primeira apresentação de Funakoshi no Japão continental, o Karatê acontecerá pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Tokyo em 2020. Sua apoteose como modalidade esportiva ocorrerá na capital oficial da nação japonesa, desde a Restauração Meiji. Como ocorrera há 100 anos, com sua reconfiguração modernizada, o Karatê segue se adaptando e se institucionalizando para legitimar-se como esporte olímpico.

Com a inclusão nos Jogos Olímpicos de Tokyo, possivelmente a popularização do Karatê se intensifique na proporção da visibilidade que terá na mídia. É possível também que as motivações, as maneiras de sentir, perceber e ensinar o Karatê também sofram significativas transformações.

Vigarello (2014) afirma que

(...) quanto mais uma prática se torna sedutora, mais ela é investida por financiamentos e capitais, incluindo a publicidade e a ação dos meios de comunicação de massa. Existe portanto, uma história sobre como as técnicas mais performáticas investem o universo esportivo (p. 329).

Na mesma proporção em que alteram-se as regras, as técnicas também se transformam. O corpo já se modifica quando uma prática é reconfigurada em esporte e intensificam as transformações conforme as técnicas são continuamente reelaboradas, as regras se modificam. Com isso, o corpo também se transforma, molda-se às demandas particulares: de uma prática corporal combativa autóctone de uma pequena ilha ao sul do Japão, o Karatê é ressignificado, pedagogizado e esportivizado, sendo conhecido e praticado mundialmente. Dessa forma, novas tecnologias políticas passam a reger valores e discursos associados ao corpo e à arte marcial, no caso.

A reconfiguração do Karatê em esporte e em arte marcial japonesa, além de sua pedagogização, aconteceu envolta de tecnologias políticas do corpo que se vinculavam a práticas discursivas e não discursivas que buscavam associar a modernização às tradições. Com isso, o Karatê seria uma prática moderna que supostamente resguardava aspectos importantes da cultura local.

As novas configurações do Karatê atual, com fins olímpicos, também podem ser consideradas estratégias de legitimação e consolidação como modalidade esportiva, padronizada, uniformizada e *normalizada*, para que o

maior número de pessoas possa apreciá-la, praticá-la e consumir materiais associados.

É fato que o Karatê praticado hoje em dia em Okinawa também assumiu características e valores ocidentais, especialmente no que diz respeito à competitividade. Porém, é possível sentir pelos ares okinawanos uma espécie de resistência ou mesmo desprezo por certos apelos modernos. Não parece haver preocupações em tornar-se mais forte, veloz ou resistente através de exercícios ginásticos, por exemplo, para fins esportivos. A prática se inicia nos *Dōjō* sem nenhum tipo de alongamento ou aquecimento, quanto menos há exercícios específicos visando condicionamento físico ou rendimento atlético.

Okinawa ainda parece ser uma espécie de reduto que detém a suposta sabedoria das tradições do Karatê, o que é um grande chamariz para visitas estrangeiras. A ilha é constantemente frequentada por praticantes que buscam as “origens” e o que chamam de “verdadeiro” Karatê. Grande parte dos mestres, por exemplo, ainda ensinam em espaços conjugados às suas casas, o que pode ser interpretado como uma relação orgânica entre a arte marcial e a vida cotidiana.

Gichin Funakoshi relata em sua autobiografia que a prática do Karatê no início do período Meiji (1868 - 1912) era proibida. Assim, fazia à pé longas e solitárias jornadas noturnas até a residência de seu Sensei, Yasutsune Azato, para praticar de forma sigilosa.

Relata também que após sucessivas repetições de sua lição, esperava pelo parecer de seu mestre que, na maioria das vezes era insatisfatório e insistia para que continuasse as repetições. “Então, se ele considerava meu progresso satisfatório, seu veredito era expresso em uma única palavra: ‘bom’⁵³” (FUNAKOSHI, 1981, p.6).

Dos momentos em que pratiquei Karatê em Okinawa, vários foram os que fiquei sozinho com o mestre Maeshiro em seu pequeno, confortável e belo

⁵³ Then, if he found my progress satisfactory, his verdict would be express in a single word, "good! (p.6).

Dōjō, logo abaixo de sua residência. Nessas ocasiões eu possivelmente tive o privilégio de experimentar um pouco da prática tal qual Funakoshi descreve.

Até o *Dōjō*, eu percorria à pé cerca de três quilômetros todas as noites e também me via em insistentes repetições de um mesmo gesto, na busca de não somente moldar minha técnica, mas também de compreender o Shōrin-ryu Shidokan⁵⁴ e sua história, através da apropriação corporal.

Os olhares atentos e tranquilos do mestre Maeshiro sempre acompanhavam cada movimento. Zeloso aos meus inúmeros equívocos, gentil e sorridente repetia as orientações tantas vezes fosse necessário. Não era simplesmente uma questão técnica. O movimento deveria ser *habitado*. Era preciso estar realmente presente e conjugar-se com aquela cultura corporal específica.

A repetição minuciosa e atenta de cada movimento, orientado pelo mestre, constituiu para mim um exercício ascético, através do qual eu fazia presente em meu próprio corpo, um importante elemento da cultura de Okinawa e sua singularidade, visando transformações, sentindo, confrontando e percebendo como aquilo que eu praticava há 30 anos estava sendo reconfigurado, ampliado e problematizado.

A ascese (do grego *askesis*, “exercício”) é um trabalho de si mesmo, que visa transformação. Acontece pela experiência. É singular. Configura-se como um “caminho” único, de “metamorfose de si mesmo”, que cada pessoa elabora e reelabora continuamente. São exercícios que não visam performance atlética⁵⁵.

Na minha experiência de aprendizado com o mestre Maeshiro, eu sentia também que as imagens e situações do citado filme americano “The Karate Kid”, que eu via na infância e que me inspiravam a praticar Karatê, eram materializadas e se tornavam realidade, especialmente no que diz respeito à

⁵⁴ Shidokan é o nome dado à escola de Karate Shōrin-ryu fundada pelo mestre Katsuya Miyahira (1918 - 2010).

⁵⁵ Para maiores informações ver HADOT, Pierre. **O que é Filosofia Antiga**. Edições Loyola: São Paulo, 1999. HADOT, Pierre. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**. É Realizações Editora: São Paulo, 2014.

relação mestre-aprendiz. Era uma situação de filial acolhimento sob orientação cuidadosa do sábio mestre okinawano.

Quando pratiquei com Maeshiro *sensei* a rotina era sempre a mesma: eu saía de onde estava alojado e percorria alguns quilômetros à pé até o *Dōjō*, que geralmente já estava aberto. Enquanto esperava pelo *sensei*, realizava alguns *kata*. Não demorava para ouvir o som de quem calçava *geta* descendo as escadas. Era mestre Maeshiro, que reside logo acima do *Dōjō*, com suas tradicionais sandálias de madeira em seus pés. Suponho que o espaço de prática era sua garagem, pois deixa o carro na rua (em cima da calçada, aliás, pois a rua é demasiadamente estreita).

Mestre Maeshiro é um homem simples. Personificação da gentileza. Sempre sorrindo, sua expressão é a todo momento de harmoniosa pureza. Ensina Karatê de maneira quase despretensiosa. Praticamente não cobra pelas aulas. Em seu *Dōjō* os praticantes deixam uma contribuição mensal de 5000 *yen* (50 dólares aproximadamente). Maeshiro *sensei* recusou-se a receber duas das minhas contribuições.

Em nenhum momento mestre Maeshiro me justificou alguma técnica com motivos competitivos. “O detalhe faz o mestre” – repetia essa frase enquanto comparava os movimentos que eu executava e aqueles que ele queria que eu realizasse. Não foi uma única vez que custei a perceber as sutis discrepâncias. Detalhes tão minuciosos, praticamente invisíveis, que faziam grandes diferenças não só na execução dos exercícios dois a dois, por exemplo, mas em meu corpo, que se transformava.

Parafraseando Herrigel (2011), no Karatê esportivo moderno a busca é pelo “resultado exterior”, visível. A prática ascética que experienciei em Okinawa com Maeshiro *sensei* visava uma “experiência interior”, invisível, sendo impossível desvincular-se desse propósito.

Quando o Karatê volta-se para o “visível”, quando o foco é a performance, a tendência é utilizar a energia do corpo de maneira equivocada. Compartilho da experiência que Herrigel (2011, p.39) relata na qual seu mestre de arco e flecha chamava sua atenção quanto ao “desperdício de energia”, orientando-o para “relaxar”.

Durante as práticas de *Kendo* no Japão, Murayama *sensei* e também outros praticantes mais experientes insistiam para que eu relaxasse, principalmente os ombros. Ao praticar *shodo* (caligrafia) na Universidade de Shiga, a orientação era a mesma: “relaxe, Fabio *san!*”. Isso acontecia também na prática de *Taiko* (tambores japoneses). Apesar de uma certa frustração com a dificuldade em relaxar, eu justificava a mim mesmo que estava vivendo experiências novas e meu corpo não estava familiarizado com aqueles gestos.

Porém, o espanto e desapontamento foi quando ouvi do mestre Maeshiro: “relaxe, Fabio *san!*”. Ou seja, não era necessariamente porque os movimentos do *Shodō*, *Kendō* ou *Taikō* eram novos. Eu praticava Karatê desde criança e ouvi a orientação para relaxar. O que estava errado comigo? Por que não conseguia algo aparentemente tão simples?

Até que numa das aulas com Murayama *sensei* na Universidade, estudamos o conceito de *shizentai*: postura relaxada, livre de tensões e rigidez; “à vontade”, mas nem por isso desatenta. “O que é preciso para um bom *shizentai*?”, perguntou o professor. “Relaxar”, respondi. “Mas como relaxar?”, insistiu.

Não consegui responder. Nem tanto pela dificuldade em expressar-me em língua japonesa, mas por não saber como relaxar mesmo.

Hageshii – foi o termo que Murayama *sensei* pediu para que eu consultasse em meu dicionário. Espantosamente encontro como tradução: “violento, intenso, furioso, tempestuoso”. Concluí que a forte intensidade da entrega estabelecida com uma prática leva ao desprendimento dos caprichos e da preocupação em mostrar desempenho faz com que a pessoa fique relaxada. Eu precisava me libertar da preocupação com o visível, respirar e enfim, relaxar.

TAZAWA *et al* (1985) afirmam que a cultura japonesa, de maneira geral, revela uma singularidade de “preferência pela graça interna em oposição ao esplendor externo” (p.1). Custou muito a esse praticante de Karatê, tão preso às preocupações com o desempenho performático do rendimento, perceber e buscar **incorporar** a prática ascética, interior e não visível.

Aos poucos fui compreendendo que na ficção e na realidade, a maneira de ensinar Karatê pelo senhor Miyagi e pelo mestre Maeshiro, por exemplo, mostra-se isenta de pretensões institucionais ou ambições em fazer parte do espetáculo performático cunhado pela configuração moderna da prática, cujo foco é para fora: mostrar importa mais que sentir. O ensino dos referidos mestres preza pela transformação que acontece dentro do sujeito, pelo detalhe e pela discipulação. É uma relação imanente com a prática, do praticante consigo mesmo, sendo mais sensível que visível.

Miyagi, por exemplo, não ensinava. Pelo menos não da maneira corriqueira e comum de se ensinar no Ocidente moderno. Lavar e encerar carros, lixar o assoalho, pintar a cerca e a casa leva a entender que o Karatê não se desvincula das demais atividades cotidianas. Sua gestualidade, bem como outras práticas rotineiras, se apresentam de maneira orgânica, não fragmentada. Assim, o gesto é corporificado. O corpo se configura de forma a amalgamar-se com as demandas culturais e apresenta-se disponível à assimilação do Karatê, no caso.

No Oriente, um professor nunca ensina. Ao menos não como pensamos. Um verdadeiro professor nunca explica, nunca dá receitas. Ele - ou as vezes ela - é um exemplo vivo do que é possível, daquilo que pode ser atingido com paciência infinita e determinação inabalável (BROOK, 2012, p.7).

Com isso é possível estabelecer distinções entre a preocupação de Jigoro Kano, por exemplo, que estabelecia severas críticas às maneiras tradicionais de ensinar. Para ele, e conseqüentemente para o moderno *Jūdō*, a racionalização constituía um fundamental componente da didática pedagogizada vinculada às artes marciais.

Herrigel (2011, p.43), conta que em certa ocasião, conversando com um de seus professores, Komachiya *sensei*, perguntou os motivos de já no início os mestres não ensinarem a respiração correta aos discípulos. Ouviu o seguinte como resposta à sua questão:

Se o aprendizado tivesse sido iniciado com os exercícios respiratórios, jamais o senhor se convenceria da sua influência decisiva. Era preciso que

o senhor naufragasse nos próprios fracassos para aceitar o colete salva-vidas que ele [o mestre] lhe lançou.

A pedagogia que se constituiu ao redor das artes marciais japonesas modernizadas tende a poupar os praticantes do “naufrágio”. Oferecem sistematizações racionalizadas de prática, com respostas padronizadas ao entendimento dos *kata*, por exemplo. É o Karatê instrumentalizado geralmente ensinado formalmente nas academias de ginástica, nos clubes etc, voltado ao esporte, à manutenção da saúde, ou à disciplinarização das crianças. É um Karatê de cativo, já pronto e ordenado.

No Karatê “clássico” de Okinawa o foco principal é a prática dos *kata* (型), seqüências predeterminadas de movimentos que são representações de combate. Podem ser considerados também como registros codificados da gestualidade técnica do Karatê. Na estética do *kata*, o Karatê materializa-se como arte, conjugando sua história com a singularidade corporal daquele que executa.

Kata são rotinas consagradas. Não ocorrem somente nas artes marciais, mas em outras manifestações culturais japonesas, como na cerimônia do chá, por exemplo. Nas artes marciais, *kata* são alegorias combativas, que contam no corpo e através do corpo as particularidades das tradições de cada estilo e escola, combinadas com as singularidades daquele que executa e, executando, revive e corporifica, fazendo presente no próprio corpo, história e tradições. Há um fundamental refinamento gestual na prática do *kata*. Minuciosos detalhes fazem grande diferença na execução e interpretação dos gestos e seqüências.

A realização de um *kata* é uma oportunidade de colocar-se numa forma de meditação em movimento, fazendo-se presente a cada gesto. Os sujeitos imprimem sua singularidade no *kata* que executam e toda execução do mesmo *kata* é única, nunca mais se repete.

Na relação imanente que se estabelece com a prática do *kata*, o foco é essa presença, que é praticamente invisível, pois essencialmente sensível. No aspecto competitivo, *kata* são executados “para fora”, a fim de serem vislumbrados como espetáculos e se reconfiguram, deixando sua imanência

para tornarem-se visíveis e passíveis de vislumbres e apreciações de técnicas pontuáveis.

De modo geral, as apropriações modernas do Karatê não levam em consideração o potencial artístico, sensível e ascético que a referida arte marcial possui. Assim, os *kata* são praticados quase que exclusivamente para fins competitivos, já que também foram reconfigurados pelo fenômeno esportivo. Perdem seu caráter ascético.

Nos campeonatos, as performances são avaliadas de acordo com critérios como: força, concentração, postura e ritmo. Podem acontecer individualmente ou em equipe, quando três pessoas executam simultaneamente o mesmo *kata* e também o sincronismo passa a ser um importante elemento de avaliação.

O esporte moderno promove uma espécie de “dessacralização” das práticas, desvinculando-as de sua organicidade com o local, cultura e comunidade pelos quais estabelecem sentido. O Karatê moderno, esportivizado e pedagogizado, firma um outro regime de relações. Reinventa tradições e discursos legitimadores.

Okinawa ainda permanece como o local de busca pelas supostas “raízes” do Karatê. Anualmente recebe a visita de pessoas dos mais diversos países que buscam outra experiência, desvinculada do Karatê modernizado. A resistência que se encontra em certos mestres da ilha em adequar-se aos apelos esportivos é um dos grandes motivos àqueles que buscam outra configuração da prática que não a competitiva.

Das vezes em que visitei Okinawa deparei-me com muitos estrangeiros dos mais diferentes países que, como eu, buscavam não treinamentos para melhoria da eficiência em competições, mas tinham como objetivos o contato direto com os principais representantes dos estilos e escolas de Karatê. Além disso, quem vai à Okinawa em busca de ampliar seus conhecimentos sobre Karatê almeja também respirar os ares e a cultura de onde essa arte marcial emergira.

Além de ter praticado com mestre Maeshiro, também tive a oportunidade de praticar Karatê em Fukuoka, com o mestre Mitsuo Ishibashi (então 8º *dan*) e

em Tokyo, com o mestre Takeshi Miyagi (9º *dan*). Apesar de serem do mesmo estilo e escola (*Shōrin-ryu Shidokan*), os enfoques eram bastante diferentes. Ishibashi *sensei* segue o chamado Kyushu bloco, cujo principal representante é o mestre Hiroyuki Shinkai, 10º *dan*. Quando pratiquei em Fukuoka senti que a formalidade é bem maior e há uma preocupação acentuada pelas graduações e hierarquia.

Em Tokyo, a prática concentrava-se bastante no condicionamento físico. Miyagi *sensei* (que não se parecia em nenhum aspecto com o personagem de *Karate Kid*), havia morado alguns anos na Argentina e parecia dar grande importância ao treinamento físico, além de também parecer valorizar as graduações. Senti forte a presença das influências dos métodos ginásticos europeus, tão evidentes em práticas de Karatê no Ocidente.

Apesar de representarem o mesmo estilo e escola, os três mestres possuíam formas particulares de ensinar e conceberem o Karatê. Ou seja, mesmo dentro de um mesmo estilo e escola específicos, a personalidade, os caprichos e as maneiras como cada *sensei* concebe o Karatê, faz dele uma prática que se reformula continuamente em sua diversidade.

Minha primeira viagem a Okinawa aconteceu em 2009. Até então, eu acreditava que só existiam duas linhagens do estilo que pratico, *Shōrin*, por exemplo. Mas a pluralidade de variações chega impressionar. São ramificações diversas do mesmo estilo, como uma árvore de galhos frondosos. A propósito, o ideograma que se refere a estilo (*Ryu* - 流) também pode ser traduzido como “corrente”, “córrego”, “riacho” ou “fluxo”.

Dessa forma, é possível afirmar que há uma estilização singular que procede a cada mestre, que interpreta e ensina o Karatê conforme suas particularidades. Apesar de ser o mesmo estilo, ou até a mesma escola, há fluxos, que se materializam através das correntes de prática. O Karatê está dentro de um regime no qual cada um desenvolve sua singularidade de ensino e prática. É uma estilística que se ramifica e é sempre reinventada, num processo de singularização subjetivo e de recriação de si próprio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABE, Tetsushi. Cultural Friction in *Budô*. In: BENNETT, Alexander. **Budô: Perspectives**. Auckland, New Zealand: Kendo World Publications, 2005.

BENNETT, Alexander. Kendo or Kumdo: The internationalization of kendo and the olympic problem. In: BENNETT, Alexander. **Budô: Perspectives**. Auckland, New Zealand: Kendo World Publications, 2005.

BISHOP, Mark. **Okinawan Karate**: Teachers, styles and secret techniques. 2a edição. Tuttle International, 1999.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte**: Uma introdução. 3ª edição. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BROOK, Peter. Prefácio. In: YOSHI, Oida. **Artimanhas do Ator**. Tradução Marcelo Gomes. São Paulo: Via Lettera, 2012.

COGGIOLA, Osvaldo. Uma Via Original para a Modernidade. In: **História Viva: Japão**: 500 anos de história: 100 anos de imigração. São Paulo: Duetto Editorial, 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE KARATÊ. **Regras de Competição de Kata e Kumite**. Revisão 9.0. 01/01/2015. Disponível em: <http://www.fpk.com.br/regras.pdf>. Acesso em 01/10/2016.

DRAEGER, Donn F. **Classical Bujutsu**: The martial arts and ways of Japan. 4a edição. Boston: Weatherhill, 2007.

DUKE, Benjamin. **The History of Modern Japanese Education**: Constructing the national school system, 1872 – 1890. New Brunswick: Rutgers University, 2008.

ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FIGUEIREDO, Abel. A Emergência do Karate Moderno (séc. XIX e XX). In: **Associação de Karate de Viseu**. 1994. Disponível em: http://www.akv.pt/consultorio/doc_emergencia.html. Acesso em 19 de junho de 2016.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, A Genealogia e a História. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramalheite. Petrópolis. Vozes: 1987.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FROSI, Tiago O. e MAZO, Janice Z. Repensando a História do Karatê Conhecida no Brasil. *In: Revista Brasileira de Ciência do Esporte*. São Paulo, v. 25, n.2, p.297-312, abr/jun. 2011.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karate-do**: My way of life. Kodansha International: Tokyo, 1985.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karatê-Do Nyumon**: Texto introdutório do mestre. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Cultrix, 1999.

FUNAKOSHI, Gichin. **The Essence of Karate**. New York: Kodansha USA, 2013.

FUNAKOSHI, Gichin. **Karate-do Kyohan**: O texto do mestre. Trad. Wagner Bull. São Paulo: Cultrix, 2014.

HADOT, Pierre. **O que é Filosofia Antiga**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HADOT, Pierre. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

HERRIGEL, Eugen. **A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen**. São Paulo: Pensamento, 2011.

JAPAN KARATE FEDERATION. Karatedo. *In: NIPPON BUDŌKAN FOUNDATION. Budō*: The martial ways of Japan. Tokyo, 2011.

JOHNSON, Noah C. G. The Japanization of Karate?: Placing an intangible cultural practice. *In: Journal of Contemporary Anthropology*. Volume III, 2012.

KANO, Jigoro. **Energia Mental e Física**: Escritos do fundador do judô. São Paulo: Pensamento, 2008a.

KANO, Jigoro. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2008b.

KERR, Alex. **Lost Japan**. Austrália: Lonely Planet, 2009.

MARTINS, Carlos José. Emergência e Desdobramentos do Conceito de Biopolítica na Obra de Michel Foucault. *In: Anais do III Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação*. Rio de Janeiro, UERJ, 9-11 outubro de 2006.

MARTINS, Carlos José e ALTMANN, Helena. Características do Esporte Moderno Segundo Elias e Dunning. *In: X Simpósio Internacional Processo Civilizador*. Campinas, 2007.

MARTINS, Carlos José. A Vida dos Corpos e das Populações como Objeto de uma Biopolítica na Obra de Michel Foucault. *In: SAVONE, Lucila e outros (org.). O Legado de Foucault*. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. *In: Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MOREIRA, Sandro Marlos. **Pedagogia do Esporte e Karatê-dô**: Considerações acerca da iniciação e da especialização precoce. Dissertação. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

MOTOYAMA, Shozo. Ciência, Cultura e a Tecnologia e a Restauração Meiji. *In: Estudos Japoneses* (Revista do Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo). N.14, 1994.

MURATA, Naoki. From “Jutsu” to “Do”: The birth of Kodokan Judo. *In: BENNETT, Alexander. Budô: Perspectives*. Auckland, New Zealand: Kendo World Publications, 2005.

NAGAMINE, Shochin. **The Soul of Okinawan Karate**. Tokyo: Tuttle Publishing, 1996.

NAKAMURA, Tomio. **Ima Naze Budô ka**. Nippon Budôkan, 2007.

NAKAYAMA, Masatoshi. **O Melhor do Karate - 1**: Visão abrangente. São Paulo: Cultrix, 1999.

NUNES, Gabriel Pinto. **O Bushido na Visão de Nitobe**: A construção de uma identidade nacional a partir de um sistema ético. Mestrado no Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

ODA, Ernani. Interpretações da “Cultura Japonesa” e seus Reflexos no Brasil. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 26, n. 75, fevereiro, 2011.

ORTIZ, Renato. **O Próximo e o Distante**: Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PINGUET, Maurice. **A Morte Voluntária no Japão**. Trad. Regina Abujamra Machado. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

RABINOW, Paul e ROSE, Nicholas. O Conceito de Biopoder Hoje. *In: Política & Trabalho*: Revista de Ciências Sociais. n.24, abril de 2006 – p.27-57.

RATTI, Oscar e WESTBROOK, Adele. **Segredos dos Samurais**: As artes marciais no Japão feudal. Trad. Cristina Mendes Rodríguez. São Paulo: Madras, 2006.

REID, Howard; CROUCHER Michael. **O caminho do guerreiro: o paradoxo das artes marciais**. São Paulo: Cultrix, 2004.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: Conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

RUSAK, David. Karate, Baseball and Politics: Hybridity and the martial arts in modern Japan. *In: Undergraduate Journal of Antropology*. 1: 63-71, 2009.

SADAMI, Suzuki. Twentieth Century *Budō* and Mystic Experience. *In: BENNETT, Alexander. Budō: Perspectives*. Auckland, New Zealand: Kendo World Publications, 2005.

SAKURAI, Célia. **Os Japoneses**. São Paulo: Contexto, 2007.

SHINJI, Nakabayashi. Why Study Budō? *In: NIPPON BUDŌKAN FOUNDATION. Budō: The martial ways of Japan*. Tokyo, 2011.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da Educação no Corpo: Estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 2ª.ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2002.

SOARES, Carmen Lúcia. As Roupas Destinadas aos Exercícios Físicos e ao Esporte: Nova sensibilidade, nova educação do corpo. *In: Pro-Posições*. Campinas, v.22, n.3 (66), p.81-96, set/dez. 2011.

SOUZA, Luís. A. F. de. Paradoxos da Modernidade Viglada: Michel Foucault e as reflexões sobre a sociedade de controle. *In: SCAVONE, Lucila e outros (orgs.). O Legado de Foucault*. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

STEVENS, **Três Mestres do Budō**. São Paulo: Cultrix, 2007.

TAZAWA, Yutaka, MATSUBARA, Saburo, OKUDA, Shunsuke e NAGAHATA, Yasunori. **História Cultural do Japão: Uma perspectiva**. 2ª edição. Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, 1985.

TOKITSU, Kenji. **Ki e o Caminho das Artes Marciais**. Tradução: Luiz Carlos Cintra. São Paulo: Cultrix, 2012

VIGARELLO, Georges. História e Esporte. Entrevista e tradução: Denise Bernuzzi Sant'Anna. **Projeto História**. São Paulo, n.49, pp. 327-333, abril, 2014.

VILLAMÓN, Miguel e BROUSSE, Michel. Evolución del Judo. *In: VILLAMÓN HERRERA, Miguel (org.). Introducción al Judo*. Editorial Hispano Europea S.A.: Barcelona, 1999.

YAMASHIRO, José. **Japão: Passado e presente**. 2ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1986.

YAMASHIRO, José. **Okinawa**: Uma ponte para o mundo. Editora de Cultura, 1993.

ZHENG, Tiantian. Emodied Masculinity: Sex and sport in a (post) colonial Chinese city. **The China Quartely**. Cambridge, UK, n.190, p.432-450, 2007.